

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE ARTES DA UNESP – CAMPUS DE SÃO PAULO

Juliana Paula de Souza

**ARTES DA CENA NOS LIVROS DIDÁTICOS:
Presenças, ausências e possibilidades**

São Paulo

2025

JULIANA PAULA DE SOUZA

ARTES DA CENA NOS LIVROS DIDÁTICOS:

Presenças, ausências e possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientação: Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela
Coorientação: Dafne Sense Michellepis

São Paulo

2025

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S729a Souza, Juliana Paula de, 1988-

Artes da cena nos livros didáticos: presenças, ausências e possibilidades /
Juliana Paula de Souza. – São Paulo, 2025.
80 f. : il. + anexos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Freitas Vilela.

Coorientadora: Me. Dafne Sense Michellepis.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Educação. 2. Livros didáticos. 3. Artes - Estudo e ensino. 4. Artes
cênicas. I. Vilela, Lilian Freitas. II. Michellepis, Dafne Sense, 1971-. III.
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo. IV.
Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Cortes Mendes - CRB/8 10531

JULIANA PAULA DE SOUZA

ARTES DA CENA NOS LIVROS DIDÁTICOS:

Presenças, ausências e possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Arte-Teatro.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 13 de novembro de 2025.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela

Unesp – Orientadora

Dafne Sense Michellepis

Unesp – Coorientadora

Rafael Vicente Ferreira

Mestre em Arte-Educação

Tudo é do Raul.

Tudo é para o Raul.

AGRADECIMENTOS

Desde 2023, ano em que meu filho Raul nasceu, minha agenda é compartilhada com meu marido, Jefferson, minha mãe, Valéria, meu pai, Luiz, e minha sogra, Marinez. Em incontáveis momentos, essas pessoas maravilhosas assumiram os cuidados do meu filho para que eu pudesse frequentar aulas, eventos acadêmicos, ensaiar e, até mesmo, escrever este trabalho de conclusão de curso. Ele também pertence a vocês!

Voltar à universidade após algumas frustrações, foi um desafio. O Instituto de Artes da Unesp fez ressignificar minha ideia de academia. O IA é acolhida. Agradeço demais a todos que fazem parte dessa terra fértil. Amigos, companheiros de luta, arte e educação. Em especial ao grupo de mulheres – muitas mães – que fizeram parte dos meus dias neste último ano de graduação. Professora Lilian e Dafne: vocês são inspiração! Clara Ellis: desejo que nossos filhos, nossa amizade e nossa arte cresçam juntos!

Ao longo da minha trajetória como editora tive muitos colegas que contribuíram e contribuem diretamente para o meu desenvolvimento profissional. Agradeço a todos! Cito o nome da querida Ana Luiza Spinola, coordenadora dedicada, que sempre incentivou o estudo e a pesquisa antes do início da produção de uma nova coleção, suas práticas serviram de base para a análise empreendida neste trabalho.

Uma das maiores dificuldades na realização deste trabalho foi conseguir os depoimentos dos professores. Grande parte do material aqui apresentado foi recolhido por minha amiga Ana Paula, professora da rede pública. Ana: muito obrigada pela coragem e dedicação, sua amizade é combustível e alegria!

E, para concluir esta jornada, tive a ajuda de uma grande amiga de longa data, Daiane. Dai: é incrível como você sempre aparece quando eu mais preciso. Obrigada por tudo. Quem tem amigos tem sorte!

Tudo o que fiz, faço e farei sempre será dedicado à memória dos meus avós. Meu avô, José, faleceu em 2020. Minha avó, Elza, faleceu em 2021. Eles sempre foram os maiores incentivadores de todos os projetos em que me envolvi e tenho certeza de que eles continuam ao meu lado.

RESUMO

A primeira parte deste trabalho de conclusão de curso dedica-se à reflexão sobre a produção e a distribuição dos livros didáticos de Arte no Brasil. Para isso, optamos por revisitar experiências pessoais com a cultura do livro didático, observar o papel do editor em relação com outros profissionais da área, traçar um breve histórico da literatura escolar no país e levantar os principais marcos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A segunda parte tem como objetivo quantificar e analisar conteúdos relativos às artes da cena presentes em algumas amostras de livros didáticos aprovados na última edição do PNLD, voltada a professores e estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental. Por fim, a terceira parte apresenta relatos de professoras sobre o uso de materiais didáticos em sala de sala e a sondagem de uma nova possibilidade de material didático com aderência à realidade das salas de aula do país. O percurso apresentado foi realizado com o intuito de projetar caminhos alternativos aos modelos atualmente disponíveis no mercado, buscando contribuir para a ampliação da diversidade e da pluralidade do ensino de artes da cena.

Palavras-chave: Livro didático; ensino de arte; artes da cena; educação; PNLD.

ABSTRACT

The first part of this undergraduate thesis is dedicated to reflecting on the production and distribution of Art textbooks in Brazil. To this end, we chose to review personal relationships with the textbook culture, examine the editor's role in relation to other professionals in the field, outline a brief history of school literature in the country, and identify the main milestones of the National Textbook Program (PNLD). The second part aims to quantify and analyze content related to the performing arts found in selected samples of textbooks approved in the most recent edition of the PNLD, aimed at teachers and students in the early years of elementary education. Finally, the third part presents teachers' accounts of their use of didactic materials in the classroom and explores the design of a new type of teaching material aligned with the realities of classrooms across the country. This research seeks to propose alternative paths to the models currently available on the market, contributing to greater diversity and plurality in the teaching of the performing arts.

Keywords: Textbook; art education; performing arts; education; PNLD.

SUMÁRIO

1 EU E O LIVRO DIDÁTICO	9
2 CONTEXTO PESSOAL E POLÍTICO	11
2.1 O que faz um editor de livros didáticos?	11
2.2 O livro didático no Brasil e o PNLD	14
3 MAPEAMENTO E ANÁLISE	21
3.1 Revisão de literatura	21
3.2 Obras didáticas selecionadas para análise	21
3.3 Análise das obras didáticas.....	31
4 DEPOIMENTOS E PROPOSTAS.....	40
4.1 Como os professores usam as obras didáticas de Arte em sala de aula?.....	40
4.2 Sondagem de uma proposta para as artes da cena nos primeiros anos do ensino fundamental	45
4.3 Formato	46
4.4 Conteúdo	48
4.5 Organização das pranchas.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXO A – SÓ OS ADULTOS SE SENTEM AMEAÇADOS	69
ANEXO B – REVISÃO DE LITERATURA: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	70
ANEXO C – HABILIDADES DE ARTES DA BNCC PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	74

1 EU E O LIVRO DIDÁTICO

Quando eu era estudante do ensino fundamental em uma escola estadual da periferia de São Paulo, lembro-me de que os livros didáticos fornecidos pelo governo não podiam ser levados para casa. O professor chegava na sala de aula carregando uma enorme e pesada caixa com mais ou menos trinta livros. Ele distribuía esses livros para que a nossa turma os utilizasse pelos próximos 45 minutos. Às vezes, não havia livros disponíveis para todos os estudantes, tínhamos que nos organizar em duplas ou trios para utilizá-los. Esses livros não podiam ser riscados. Copiávamos em nossos cadernos os trechos de destaque e, também nos cadernos, respondíamos as atividades propostas.

No ensino médio, ainda na mesma escola estadual, não tive acesso aos livros didáticos fornecidos pelo governo. Alguns professores solicitavam que os estudantes comprassem os livros que seriam utilizados em sala de aula. Esses materiais eram caríssimos – e ainda são. Boa parte da turma não tinha condições de comprá-los. Alguns estudantes conseguiam reaproveitar livros que pertenceram a algum irmão, primo ou vizinho mais velho. Mas, a maior parte da turma frequentava às aulas sem esses materiais.

Finalizei o ensino médio em 2005. Nessa época, o uso de computadores e o acesso à internet praticamente não existiam – ainda mais em um contexto periférico. Também não existiam *tablets* e *smartphones*. As informações estavam nos materiais impressos. Para fazer trabalhos escolares era necessário frequentar bibliotecas e consultar dicionários, enciclopédias e periódicos.

Em minha casa havia muitos livros. Minha mãe, que trabalhava próximo de uma banca de jornais, tinha o hábito de comprar e colecionar materiais que acompanhavam jornais e revistas da época. Na minha “biblioteca pessoal” tinha de tudo: clássicos da literatura, publicações sobre Ciências e História para crianças, livros de Arte, apostilas, dicionários etc.

Quando ingressei na faculdade de Letras, em 2007, já havia lido muitos livros que fariam parte dos meus estudos ao longo dos próximos seis anos. No segundo ano de faculdade, trabalhei em uma livraria e me senti muito à vontade nesse espaço. Na sequência, fui estagiar em uma editora e nunca mais abandonei esse ambiente.

Nesse estágio, aprendi como um livro é produzido: desde a primeira ideia de um autor até a impressão gráfica ou a distribuição digital. Tive contato com livros de diversos gêneros, mas, ainda não havia reencontrado o livro didático.

Após três anos trabalhando nessa primeira editora, senti necessidade de expandir minha experiência. Ingressei em uma grande editora de livros didáticos e aprendi a trabalhar de maneira fragmentada. Em um organismo complexo, cada agente tem uma função e, nesse caso específico, fiz parte da equipe de conteúdo. Desde então, os livros didáticos tornaram-se uma das maneiras em que atuo no mundo. Sou editora de ofício e por amor. Através desses materiais, sinto que posso intervir de alguma maneira na educação do país. Esse é o espaço que encontrei para compartilhar meu olhar e propor novas relações.

Estou nesse mercado há quinze anos. Nesse período, participei da produção de obras para todos os componentes curriculares da área de Linguagens e suas tecnologias: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte e Educação Física. Em 2021, em meio a pandemia do coronavírus, decidi realizar uma vontade antiga: estudar Arte-Teatro na universidade. Inicialmente, não havia nenhuma pretensão profissional nesse desejo, no entanto, os caminhos se cruzaram. Hoje, praticamente, trabalho apenas com materiais didáticos para o ensino de Arte.

Eu não tive livros didáticos de Arte no ensino fundamental e médio. A produção de livros didáticos dedicados ao ensino de Arte como componente curricular obrigatório é relativamente nova: iniciou-se em 2015.

Considerando todas as vivências que experimentei ao longo dos últimos cinco anos na licenciatura em Arte-Teatro, sinto que este trabalho de conclusão de curso é uma boa oportunidade para refletir sobre o livro didático de Arte fora da cadeia de produção. Pretendo observar como os livros didáticos de Arte para estudantes do 2º ano do ensino fundamental I exploram as artes da cena, especialmente, o teatro e a dança. Acredito que essa proposta pode efetivamente melhorar o meu ofício e, talvez, também ajudar colegas editores e autores a produzirem materiais com perspectivas diferentes, oferecendo aos professores e estudantes um leque maior de possibilidades.

2 CONTEXTO PESSOAL E POLÍTICO

2.1 O que faz um editor de livros didáticos?

Plínio Martins Filho é um dos editores mais reconhecidos do Brasil. Atualmente, ele é docente do curso de Editoração da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Foi diretor e presidente da Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). Coordena a coleção Artes do Livro, da Editora Ateliê, e dirige a Com-Arte, editora laboratório do curso de Editoração da USP.

A Com-Arte é responsável por publicar uma coleção de livros intitulada “Editando o Editor”, idealizada e dirigida por Jerusa Pires Ferreira (*in memoriam*) e pelo próprio Plínio Martins Filho. No prefácio do número 11 dessa coleção, Plínio responde à pergunta: o que faz um editor?

A palavra *editor* é polissêmica. Podemos definir um editor como quem seleciona, concebe e desenvolve projetos editoriais e *editora* como a empresa responsável por produzir esses projetos e assumir os riscos financeiros decorrentes deles. O editor apresenta-se também como empresário editorial, a quem cabe a seleção de materiais e a contratação de profissionais para a composição do projeto gráfico, bem como para preparação, diagramação e revisão do texto. O editor assume igualmente o papel de *publisher*, cujas incumbências abarcam a seleção de manuscritos, a negociação de direitos autorais e o estabelecimento da política editorial, das estratégias comerciais e das formas de distribuição do livro.

Enfim, o editor é aquele que coordena as tarefas necessárias para que a obra chegue ao destinatário: o leitor. Cabe a ele o necessário discernimento e compreensão da importância de sua atividade para a produção de livros com qualidade gráfica que, além de viáveis economicamente, apresentem projeto visual atraente, correção de texto e leitura agradável. Nesse sentido, tem razão o jornalista Paulo Nogueira ao comparar o editor a “um garimpeiro cultural, que corre riscos financeiros e pessoais para desenterrar, se não uma jazida, ao menos uma pepita de ouro”. (Martins Filho, 2025. p. 28 e 29.)

O texto de Plínio versa sobre a profissão de um editor de livros de maneira geral. Todas essas responsabilidades e atribuições do editor, descritas na citação, fazem parte da rotina de um editor de livros didáticos. No entanto, o destinatário não é um leitor qualquer. O livro didático é produzido para estudantes e professores.

Por isso, além de todo o embasamento técnico e experiência de mercado indicados pelo professor Plínio, o editor de livros didáticos necessita de conhecimento pedagógico da área em que atua. Um editor de Língua Portuguesa, geralmente, tem Bacharelado e Licenciatura em Letras. O mesmo vale para os demais componentes do ensino regular.

Para editar livros didáticos é necessário também intimidade com documentos oficiais relacionados à educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(LDB), o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). E, por fim, uma boa dose de parcimônia e cuidado para ler e interpretar editais públicos.

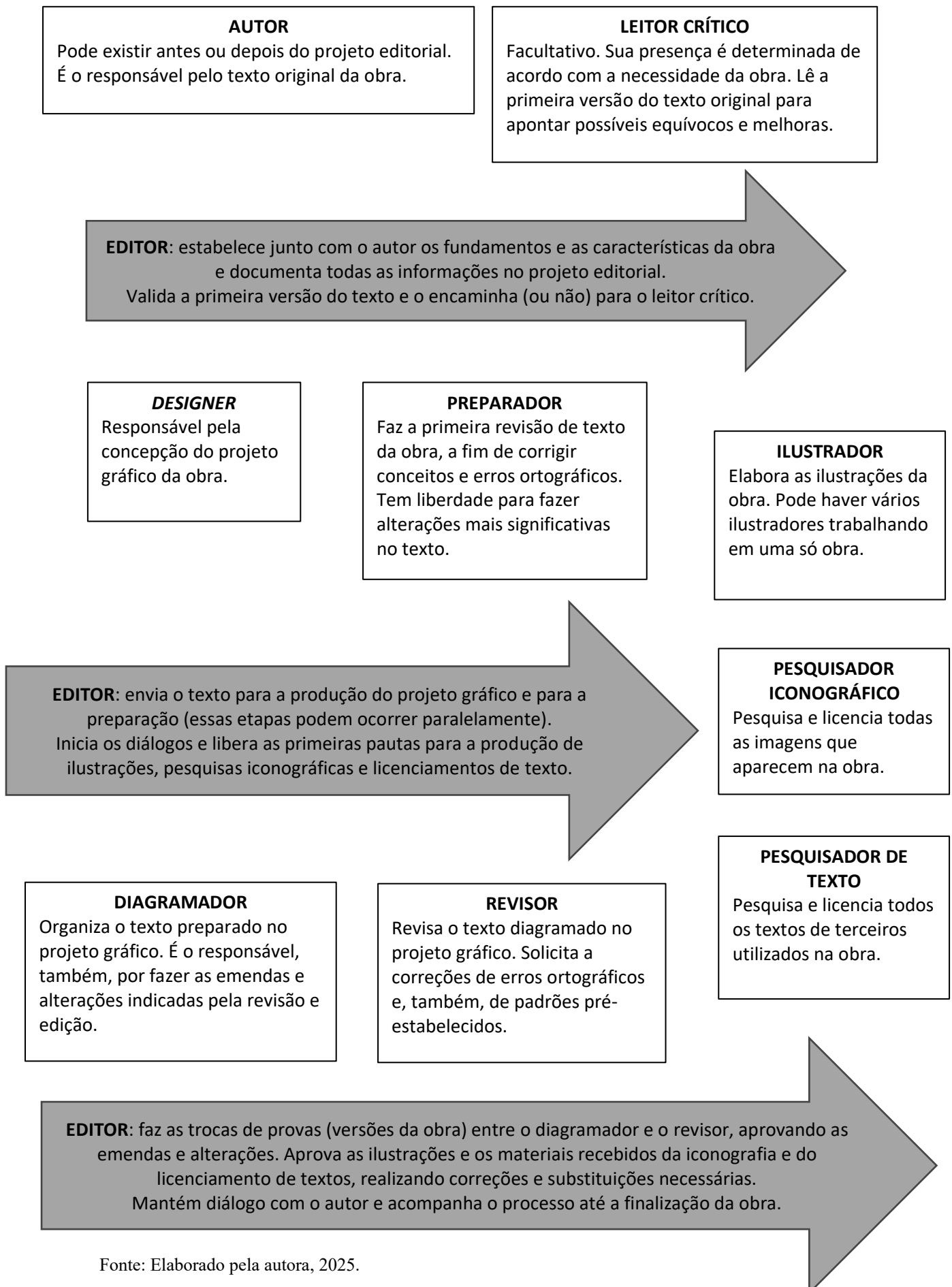
O editor de livros didáticos acompanha a obra desde sua concepção. Às vezes, ele existe antes mesmo da figura do autor. Muitas obras didáticas são planejadas e encomendadas por uma editora (no sentido de empresa editorial). Essa encomenda é feita de acordo com as necessidades comerciais de um edital público ou de uma determinada demanda comercial. Assim, o editor segue ao lado do autor para garantir que o material atenda às características pré-estabelecidas pela empresa ou pelo governo.

Paralelamente, o editor atua no planejamento detalhado da obra. A equipe editorial determina a quantidade de páginas (para materiais impressos), as características do projeto gráfico e o cronograma de trabalho. Após essas definições, a produção – propriamente dita – se inicia. Nesse momento, o editor é o responsável por dialogar com todos os profissionais envolvidos: autores, leitores críticos, revisores, diagramadores, pesquisadores de texto e de iconografia, *designers* e ilustradores¹.

O editor é o elo que une diferentes vozes e sua função é fazer com que todas elas estejam afinadas. O esquema a seguir serve para ilustrar o processo tradicional da produção de uma obra didática e a relação do editor com os demais profissionais envolvidos na criação do livro.

¹ Dependendo da obra, a produção de um livro didático pode ainda necessitar de profissionais como tradutores, tratadores de imagens, editores de vídeo e áudio etc.

Imagem 1: Processo de criação de um material didático



O trabalho dos editores de livros didáticos de Arte tem algumas características singulares. Os livros didáticos brasileiros de Arte são organizados de acordo com a BNCC², que prevê habilidades específicas para cinco linguagens artísticas: artes visuais, dança, música, teatro e artes integradas. Geralmente, a escrita dos materiais é dividida entre especialistas de cada linguagem. Dessa maneira, o editor de Arte tem que dialogar com até cinco autores diferentes. O ideal seria ter um editor especialista para cada linguagem artística, mas, não é isso o que acontece. Minha formação é em Arte-Teatro, no entanto, atuo também como editora dos conteúdos das demais linguagens³.

O editor de Arte também tem que lidar com o licenciamento de obras artísticas. Todo tipo de reprodução de obra de arte que aparece em um livro publicado deve ser juridicamente licenciado e, às vezes, isso é um grande desafio. Muitas obras consideradas importantes na história da Arte não podem ser reproduzidas por problemas com artistas e herdeiros ou são cobrados valores exorbitantes por sua licença. Há também, frequentemente, problemas para entrar em contato com artistas ou detentores de direitos, principalmente, quando se trata de obras da cultura tradicional.

Existem poucos editores de materiais didáticos de Arte no mercado. Como já foi dito, os livros de Arte só se tornaram obrigatórios em 2015. Em contradição ao que foi afirmado anteriormente, muitos materiais didáticos de Arte são editados por não especialistas, ou seja, por profissionais sem formação em Arte. Comumente, pessoas formadas em Letras, História, Jornalismo, entre outros trabalham nesses materiais. Não vejo a possibilidade de trabalho com didáticos ser, ao menos, citada nos cursos de licenciatura. É uma pena! Porque o mercado de materiais didáticos – público e privado – movimenta orçamentos com altos dígitos, tornando-se uma opção atrativa para educadores e artistas.

2.2 O livro didático no Brasil e o PNLD

As discussões relacionadas à literatura escolar ocorrem no Brasil desde o início da colonização: os jesuítas já utilizavam material bíblico e as chamadas catequeses para o ensino de Língua Portuguesa aos indígenas. As obras de caráter religioso foram usadas

² Nas palavras de Rafael Vicente Ferreira: “A Base Nacional Comum Curricular é um documento que pretende reorganizar a produção escolar a partir do discurso impresso nas suas páginas, partindo da definição de uma progressão de *aprendizagens essenciais* ancoradas em *competências e habilidades*, em substituição à ideia de *conteúdos mínimos e disciplinas escolares*.” (Ferreira, 2021, p. 16.)

³ O mesmo ocorre com os professores de Arte: geralmente, eles são formados em uma linguagem artística específica, mas, precisam trabalhar em sala de aula as cinco linguagens citadas na BNCC.

com fins educacionais durante um longo período até a instituição do ensino público obrigatório gratuito. Houve, então, o uso de materiais e métodos traduzidos de países europeus, principalmente da França, na tentativa de adotar sistemas educacionais semelhantes aos do primeiro mundo. No entanto, as reflexões iluministas levantaram a necessidade de se criar um material nacional: escrito por autores brasileiros e sobre temas relacionados ao país.

A produção das obras didáticas brasileiras – assim como a própria história da educação no país – sempre priorizou as classes de interesse político e econômico, esteve ao lado do ensino religioso e foi vigiada pelos olhos do Estado. Como mostra a professora Circe Bittencourt ao analisar os primeiros documentos relativos à literatura escolar brasileira, de meados de 1858:

Ficou evidente para as autoridades governamentais que não seria suficiente definir normas para a confecção do livro didático. Os administradores públicos deveriam permanecer vigilantes quanto à adoção das obras “adequadas” à idade e ao público escolar. Os livros eram fundamentais porque evitariam que professores usassem textos impressos quaisquer ou mesmo manuscritos que poderiam tratar de assuntos “subversivos” aos desígnios educacionais, além de causarem problemas metodológicos.

[...]

A maioria dos discursos das autoridades educacionais apresentava “os perigos” dos textos escolares em dois níveis. Alegavam o risco que representava a utilização de impressos com falhas de conteúdo, com erros gramaticais ou outras omissões, inclusive falhas de impressão. Mas, uma outra questão era enfatizada. Além do manual escolar ser correto quanto às suas informações e estar atualizado com as inovações científicas, com os novos padrões linguísticos, deveria expressar os valores e a moral de sua época, evitando assim, qualquer desvio de natureza “espiritual” em sala de aula.

[...]

A leitura do “corpus” legislativo sobre a literatura didática nos informou que o livro era entendido como a possibilidade de unificar a educação escolar em todo território nacional, favorecendo a inserção de determinadas categorias de jovens em uma mesma comunidade cultural, dominando uma única e determinada forma de se expressar e de se comunicar. A visão de que os livros escolares possibilitaram a manutenção de uma certa uniformização do conteúdo educativo para o conjunto do país foi uma constante para os legisladores e autoridades religiosas do período. (Bittencourt, 1993, p. 63-65.)

Atualmente, os livros didáticos direcionados às escolas públicas do Brasil são elaborados, comercializados e distribuídos através do PNLD. De acordo com a página do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE):

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas

de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil. (Brasil, 2021.)

O processo do PNLD inicia-se com a publicação de um edital, elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com o FNDE e a Secretaria de Educação Básica (SEB). Nesse documento há uma descrição minuciosa de todos os critérios – técnicos e pedagógicos – que os livros a serem adquiridos pelo governo devem contemplar.

A seguir, apresentamos uma linha do tempo com a indicação de alguns eventos que levaram à criação e a implementação do atual PNLD. A partir desses dados, podemos dimensionar a relevância histórica e social do programa.

- **1937** – Criação do Instituto Nacional do Livro (INL).
- **1938** – Instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), que estabeleceu a primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no país.
- **1945** – Decreto-Lei n. 8.460 consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos estudantes.
- **1966** – Acordo entre o MEC e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) permite a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted), com o objetivo de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático. O acordo assegurou recursos suficientes para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de três anos.
- **1970** – Portaria n. 35 implementa o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com recursos do INL.
- **1971** – O INL passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros até então a cargo da Colted. Término do convênio MEC/Usaid.
- **1976** – Extinção do INL. A Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) torna-se responsável pela execução do programa do livro didático. Os recursos provêm do FNDE e de contrapartidas mínimas estabelecidas para participação das Unidades da Federação. Devido à insuficiência de recursos para atender todos os

estudantes do ensino fundamental da rede pública, a grande maioria das escolas municipais é excluída do programa.

- **1983** – Em substituição à Fename, é criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que incorpora o Plidef.
- **1985** – O Plidef dá lugar ao PNLD com inovações:
 - Indicação dos livros didáticos pelos professores;
 - Reutilização dos livros;
 - Expansão do atendimento;
 - Fim da participação financeira dos estados e centralização no governo federal.

- **1992** – A distribuição dos livros é comprometida pelas limitações orçamentárias e há um recuo na abrangência da distribuição, restringindo-se o atendimento até a 4ª série do ensino fundamental.
- **1993** – A Resolução CD FNDE nº 6 vincula recursos para a aquisição dos livros didáticos destinados aos estudantes das redes públicas de ensino, estabelecendo-se, assim, um fluxo regular de verbas para o programa.
- **1993/1994** – Definição de critérios para avaliação pedagógica dos livros didáticos, com a publicação do documento “Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos”.
- **1995** – Universalização gradual da distribuição do livro didático no ensino fundamental. Em 1995: Matemática e Língua Portuguesa. Em 1996: Ciências. Em 1997: Geografia e História.
- **1996** – Inicia-se o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos no PNLD. Publicação do primeiro “Guia de livros didáticos”.
- **1997** – Com a extinção da FAE, o FNDE assume integralmente o PNLD. O programa é ampliado e passa a adquirir de forma continuada livros didáticos de alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, História e Geografia para todos os alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental público.
- **2000** – Inclusão de dicionários de Língua Portuguesa no PNLD. Os livros didáticos passam a ser entregues no ano anterior ao ano letivo de sua utilização.

- **2001** – Início do atendimento a alunos com deficiência visual (Braille, caracteres ampliados e Libras).
- **2003** – Distribuição de Atlas Geográfico para as escolas que possuem Educação para Jovens e Adultos (EJA) e turmas de 5ª a 8ª série do ensino regular. Criação do PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático para o ensino médio).
- **2004** – Atendimento do ensino médio é instituído progressivamente: são adquiridos livros de Matemática e Língua Portuguesa para os estudantes do 1º ano das regiões Norte e Nordeste.
- **2005** – Distribuição de livros de Língua Portuguesa e Matemática para todos os anos do ensino médio e para todas as regiões do país.
- **2006** – Compra e distribuição de livros de Biologia para estudantes do ensino médio.
- **2007** – Aquisição e distribuição de livros de História e Química para o ensino médio. Criação do PNLA (Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos).
- **2008** – Aquisição e distribuição de livros de Física e Geografia para o ensino médio.
- **2009** – Instituição do PNLD EJA. Novas regras para participação no PNLD: a partir de 2010, as redes públicas de ensino e as escolas federais devem aderir ao programa para receber os livros didáticos. Inclusão das escolas de ensino médio no âmbito de atendimento do PNLD, além de adicionar a língua estrangeira (com livros de inglês ou de espanhol) aos componentes curriculares distribuídos aos alunos de 6º a 9º ano. Para o ensino médio, também foi adicionado o componente curricular língua estrangeira, além dos livros de Filosofia e Sociologia.
- **2010** – Publicação do decreto nº 7.084 que dispõe sobre os procedimentos para a execução dos programas de material didático: o PNLD e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).
- **2012** – Início da integração tecnológica:
 - Editais para obras digitais e multimídia.
 - Possibilidade de inscrição de objetos educacionais digitais complementares e obras multimídia.

Os dados fornecidos no *site* do FNDE vão apenas até 2012, ou seja, nesse histórico não consta a aquisição e distribuição de livros didáticos para o componente curricular Arte, que se iniciou em 2015. É gritante observar que os estudos de Arte só foram considerados após 78 anos da existência do programa.

O PNLD foi internalizado pela sociedade – mesmo que a maioria das pessoas não conheça sua sigla. Atualmente, já é esperado que os estudantes recebam os livros do governo. É um direito! E, muitas vezes, os conteúdos que são trabalhados nesses livros didáticos tornam-se notícias de destaque na mídia⁴ e são amplamente discutidos pela população, principalmente, quando tocam em temas polêmicos e sensíveis, tais como diversidade sexual, intolerâncias, racismo, entre outros. O orçamento destinado ao PNLD também aparece nas discussões populares. Em 2024, a prefeitura de São Paulo optou por não aderir integralmente ao programa, ação que foi amplamente criticada pela sociedade⁵.

Para a reflexão proposta neste trabalho, é importante considerar que a literatura escolar brasileira sempre foi objeto a serviço do poder público instituído. O PNLD serve como um bom controle de qualidade, assegurando obras com rigor técnico, científico e acadêmico. No entanto, o programa também é uma maneira de manter o controle do Estado sobre os conteúdos veiculados nas salas de aula do país. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em seu TED Talk “O perigo da História única” (2009), chama a atenção para o perigo de narrativas que são contadas a partir de um único ponto de vista.

É impossível falar sobre a História única sem falar do poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que lembro sempre que penso na estrutura do poder no mundo. É "nkali". É um substantivo que se pode traduzir por "ser maior do que outro". Tal como os nossos mundos econômico e político, as histórias também se definem pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes do poder. (Adichie, 2025.)

Apesar de os livros didáticos serem escritos e editados por vozes múltiplas, eles sempre são publicados pelas mesmas editoras e são selecionados pelo Estado. Assim, o

⁴ Sobre o assunto, destacamos a publicação da revista EXAME. Bolsonaro diz que livros didáticos têm “muita coisa escrita”. *Exame*, 3 jan. 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita/>. Acesso em: 25 set. 2025.

⁵ Sobre o assunto, destacamos a publicação do portal G1. Educadores criticam decisão do governo de SP de não aderir livros didáticos do MEC e usar material 100 % digital a partir do 6º ano. G1 — São Paulo, 1 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/08/01/educadores-criticam-decisao-do-governo-de-sp-de-nao-aderir-livros-didaticos-do-mec-e-usar-material-100percent-digital-a-partir-do-6o-ano.ghtml>. Acesso em: 25 set. 2025.

poder do capital (representado pela empresa editorial) e o poder político interferem diretamente nos materiais que chegam nas escolas. Considerando esse contexto, pretendemos reafirmar, por meio das análises e propostas empreendidas aqui, a necessidade de uma História plural que pode também ser contada por meio do livro didático.

3 MAPEAMENTO E ANÁLISE

3.1 Revisão de literatura

Como já foi dito, os materiais didáticos de Arte são divididos conforme as linguagens artísticas indicadas na BNCC: artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas. Dessa maneira, todos os livros didáticos devem apresentar conteúdos relativos às artes da cena (dança, teatro e algumas possibilidades de artes integradas). No entanto, ao longo do levantamento bibliográfico para este trabalho não foram encontrados materiais teóricos que versam unicamente sobre as artes da cena nos livros didáticos. Há materiais que tratam sobre o livro didático de maneira geral, arte-educação no livro didático, e outras linguagens artísticas, como artes visuais e música⁶.

A falta de bibliografia sobre o tema e a obrigatoriedade presente nas habilidades da BNCC, valem como justificativa efetiva para a realização deste trabalho. Tenho como convicção a ideia de que a academia deve estar alinhada às necessidades da educação básica e acompanhar o que vem sendo produzido e ofertado para o ensino regular. Este trabalho também é uma tentativa de aproximação entre os dois ambientes educacionais.

3.2 Obras didáticas selecionadas para análise

Coleções de Arte aprovadas no PNLD 2023: EFAI (Ensino Fundamental Anos Iniciais)

Motivações pessoais

Eu sou mãe de uma criança.

Desde o momento que tive ciência de minha gravidez, todas minhas experiências – pessoais e profissionais – passaram a ser atravessadas pelas vivências da infância. E, aqui neste trabalho, não seria diferente: escolhi analisar os livros direcionados aos primeiros anos do ensino fundamental, pois seus conteúdos são os que mais dialogam com a fase em que atualmente meu filho vive. Nas páginas desses livros, vejo músicas que meu filho canta, artistas que gostamos, espetáculos e filmes que já assistimos, lugares que já visitamos. Tenho, também, muitas inspirações: obras de arte e ações artísticas que poderemos experimentar juntos em um futuro próximo. Um grande catálogo de ideias!

⁶ Ver anexo com referências encontradas no levantamento bibliográfico.

Motivações profissionais

Nesse momento estou trabalhando no PNLD 2027, que prevê a compra e distribuição de obras didáticas para estudantes do 1º ao 5º ano. Trata-se da renovação dos materiais que foram selecionados pelo PNLD 2023, considerando que as obras são substituídas a cada quatro anos. Por esse motivo, tenho refletido todos os dias sobre esses materiais: relendo-os, reorganizando-os e repensando cada detalhe. Trocando ideias e percepções com colegas autores e editores. O tema está pulsando e precisa ser discutido e compartilhado.

Guia do PNLD

O Guia do PNLD é um documento publicado pelo MEC indicando as coleções selecionadas pelo programa. Ele é distribuído aos diretores, coordenadores e professores das escolas no ano letivo anterior à adoção dos livros selecionados. Por meio desse documento, a equipe docente inicia a escolha de quais materiais didáticos serão utilizados pelos estudantes no ano seguinte⁷. De acordo com o Guia, no PNLD 2023 foram aprovadas dez coleções para o componente curricular Arte. São elas:

- *Presente mais Arte* – Editora Moderna
- *Buriti mais Arte* – Editora Moderna
- *Mundo de explorações Arte* – Editora Moderna
- *Ápis mais Arte* – Editora Ática
- *Diálogos* – Editora Ática
- *Da escola para o mundo* – Editora Scipione
- *Bem-me-quer mais Arte* – Editora do Brasil
- *Bons amigos Arte* – Editora FTD
- *Aprender juntos Arte* – Edições SM

⁷ É sabido que existe grande polêmica em torno de como a escolha dos livros é feita pelas escolas. As grandes editoras investem boa parte de seus orçamentos na contratação de divulgadores, na organização de eventos e até na distribuição de brindes para os envolvidos na escolha. A disputa torna-se desigual, pois as editoras de menor porte, geralmente, não têm meios suficientes para competir com os grandes aglomerados editoriais. Mais uma vez, a escolha final perpassa a desigualdade de capital.

- *A conquista Arte* – Editora FTD

O MEC e o FNDE aprovam as obras que atendem aos critérios indicados no edital, gerando um grande catálogo. No entanto, a aprovação dos materiais não garante a adoção das escolas. Como já foi dito, cabe aos professores e a gestão escolar escolher qual obra será de fato utilizada pelos estudantes.

No artigo “Análise dos grupos editoriais no Programa Nacional do Livro e do Material Didático”, Luis Claudio Kubota apresenta gráficos que mostram a distribuição de livros adotados – ou seja, de fato vendidos – separados por grupos editoriais, no período de 2010 a 2017⁸.

O gráfico 1 apresenta a tiragem total dos grupos editoriais no PNLD, período de 2010 a 2017. É possível observar que os grupos Kroton (que adquiriu a Somos, que por sua vez adquiriu a Abril e a Saraiva), Santillana e FTD possuem ordem de grandeza muito superior às dos demais.

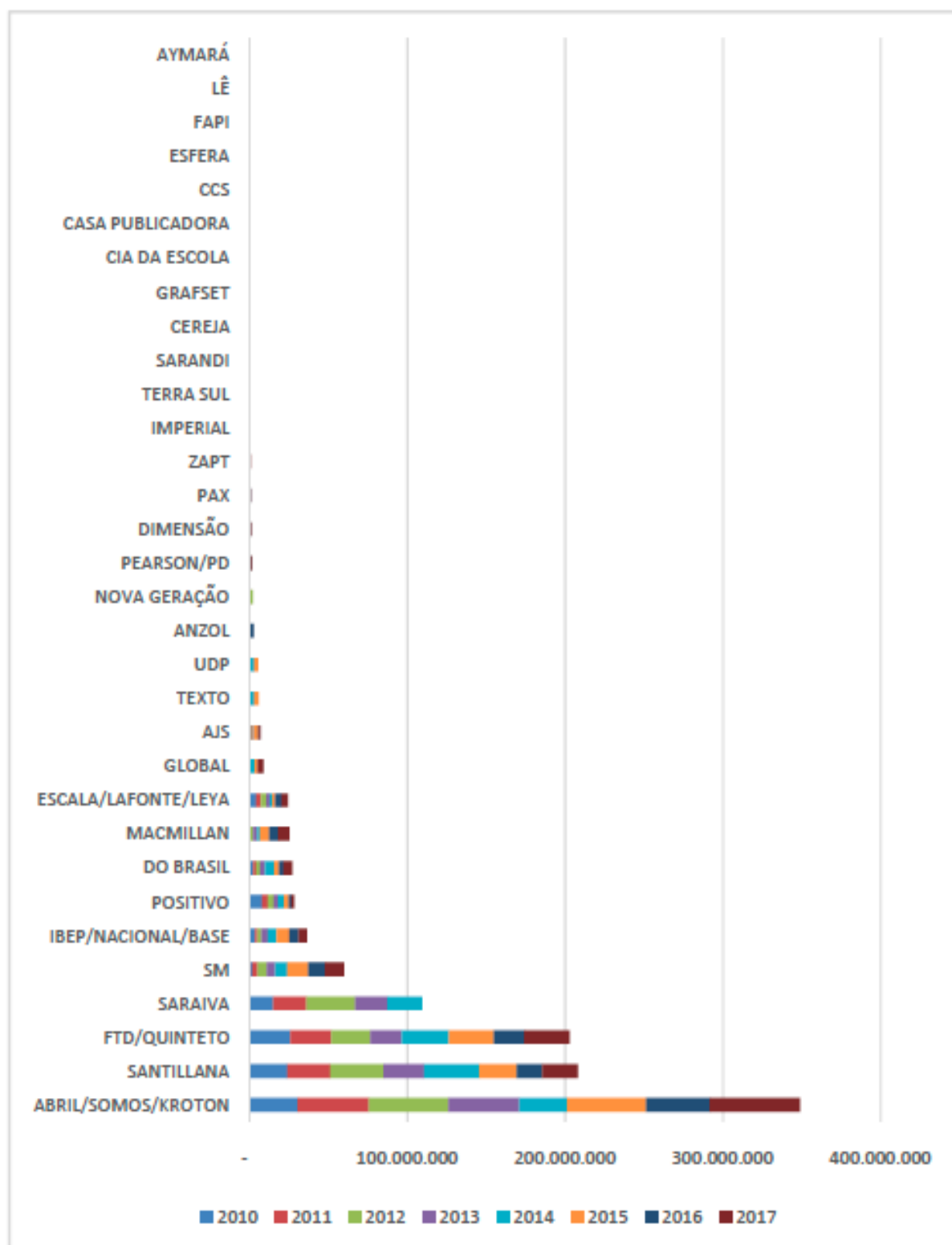
O gráfico 2 apresenta os valores totais (corrigidos pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPCA) até 2017), e os resultados são semelhantes.

[...]

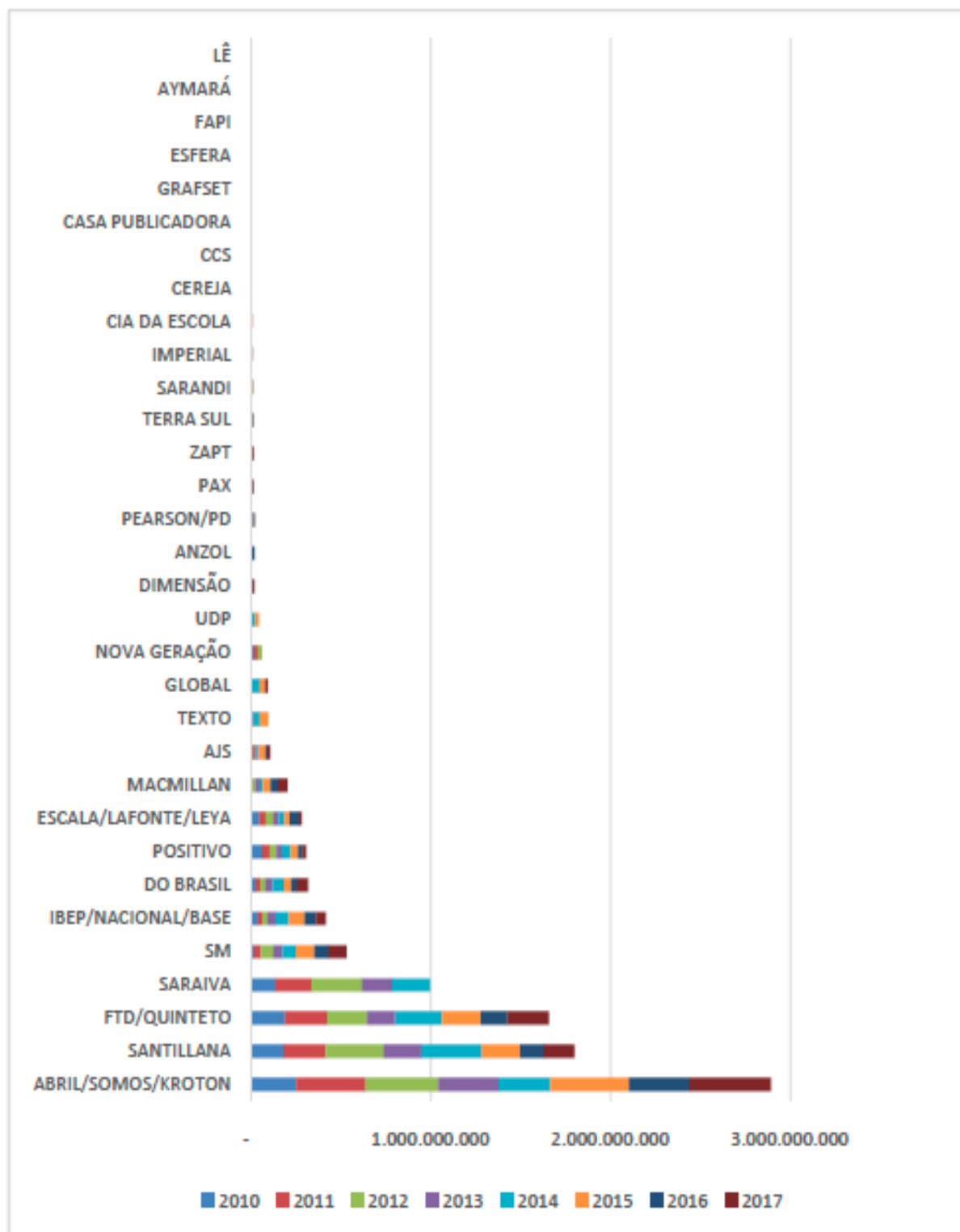
O gráfico 4 apresenta a participação de mercado dos grupos editoriais no período 2010 a 2017. O grupo Kroton (Somos e Abril) teve 29%, contra 18% da Santillana, 17% da FTD e 10% da Saraiva (posteriormente adquirida por Somos/Kroton). (Kubota, 2018.)

⁸ Apesar do período do estudo de Kubota não abranger o PNLD 2023, entendemos que o mercado se manteve com características semelhantes, por isso, optamos por utilizar os dados apresentados.

Imagem 2: Tiragem total dos grupos editoriais no PNLD – 2010 a 2017



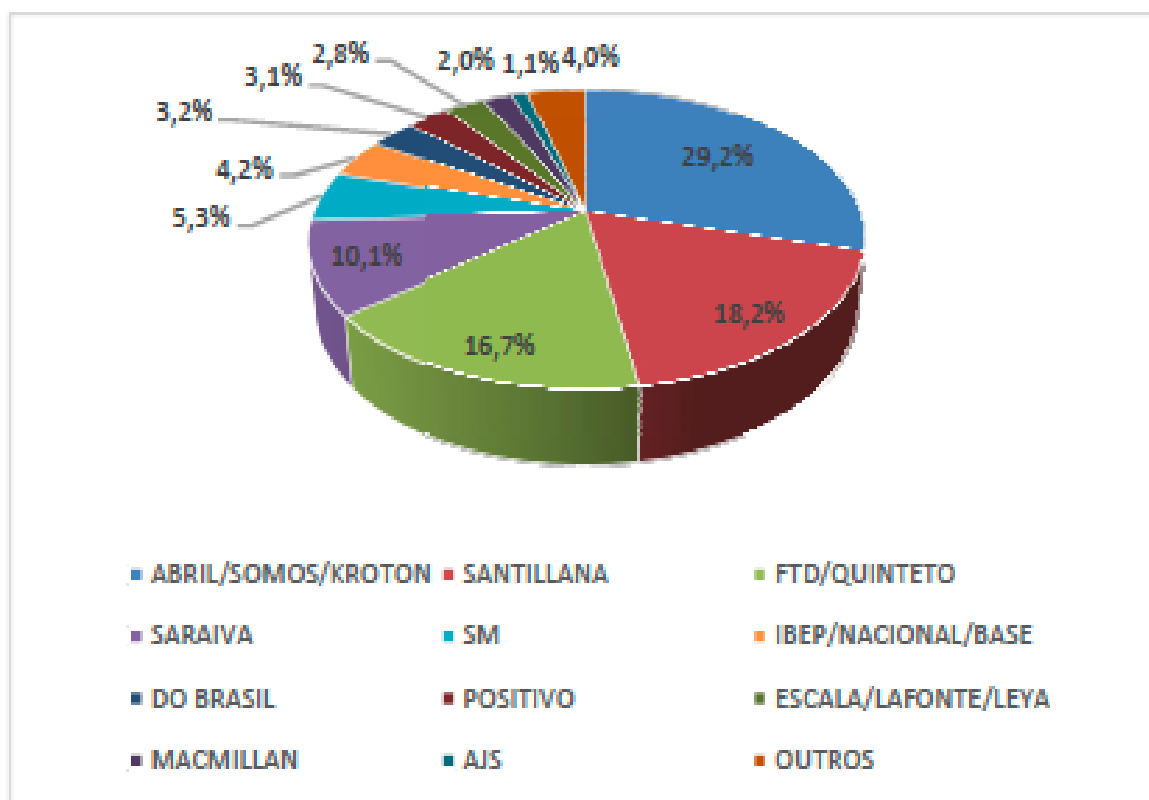
Fonte: Kubota, 2018.

Imagem 3: Valores recebidos pelos grupos editoriais no PNLD – 2010 a 2017⁹

Fonte: Kubota, 2018.

⁹ Corrigida pelo IPCA até 2017

Imagem 4: Participação de mercado dos grupos editoriais no PNLD – 2010 a 2017



Fonte: Kubota, 2018.

Com base nos dados apresentados, optamos analisar os materiais publicados e distribuídos pelos grupos: Abril/Somos/Kroton, Santillana e FTD/Quinteto, pois pode-se entender que eles são utilizados por um número maior de escolas brasileiras. No PNLD 2023, cada um desses grupos teve a aprovação de duas ou mais coleções para o componente curricular Arte. As editoras Ática e Scipione pertencem ao grupo Abril/Somos/Kroton. Já a editora Moderna faz parte do grupo Santillana. O grupo FTD/Quinteto é representado pela própria FTD. Considerando o caráter sintético deste trabalho de conclusão de curso, optamos por centralizar o estudo em apenas uma coleção de cada um dos grupos. Para fazer essa escolha, selecionamos aquelas que têm mais tempo de mercado¹⁰ (inclusive que também têm edições direcionadas para o ensino

¹⁰ Os dados sobre reedições e renovações não são claramente disponibilizados pelas editoras. É comum uma obra receber um adicional ao título para indicar renovação, como, por exemplo, “mais Arte”. É comum, também, uma obra de mercado privado ou que não foi aprovada em algum programa público ser revista e receber um título diferente, mas manter o mesmo projeto e a mesma organização.

privado), o que significa que participam ou participaram do PNLD há mais tempo e alcançam ou alcançaram mais estudantes. São elas:

- *Buriti mais Arte* – Editora Moderna
- *Ápis mais Arte* – Editora Ática
- *A conquista Arte* – FTD

Por fim, ainda considerando o caráter sintético deste trabalho, optamos por estudar apenas o segundo volume (destinado ao 2º ano do ensino fundamental) de cada uma das coleções. Ao ler os descritivos das obras, disponíveis em parte do Guia do PNLD reproduzido a seguir, constatamos que em duas das coleções selecionadas os conteúdos relacionados à dança e ao teatro são enfatizados no segundo volume (grifos nossos).

Imagem 5: Capa da obra *Buriti mais Arte* – 1º ano



Fonte: PNLD, 2021.

A coleção é composta por cinco volumes destinados aos estudantes LE (livro do estudante) e cinco volumes destinados aos professores MP (manual do professor) do ensino fundamental anos iniciais, voltada ao componente curricular Arte e ao desenvolvimento dos conteúdos de suas respectivas linguagens: as artes visuais, a dança, a música e o teatro.

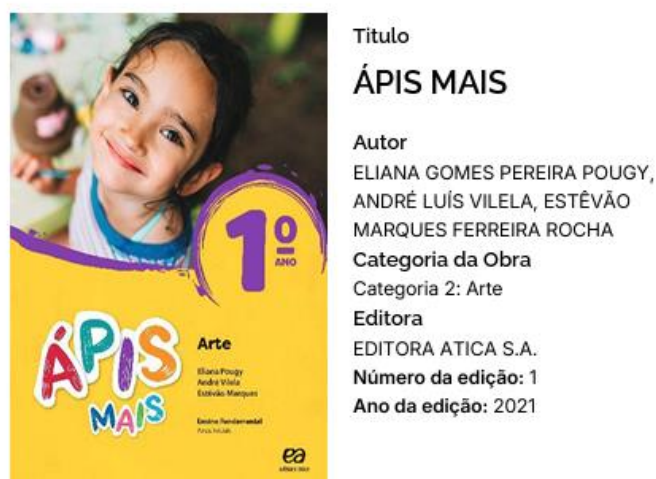
Na introdução do LE (em todos os volumes) é apresentado um texto poético que se inicia com a frase "O que é o mundo?" e, ao final, é proposto ao estudante que desenhe como ele gostaria que fosse o mundo. O que difere, de um volume a outro, nessa página inicial do LE, são as ilustrações destinadas às ações dos estudantes, correspondentes às habilidades dispostas em cada ano de formação. Trata-se de uma ilustração referente a um globo que representa o Planeta Terra, localizada no alto da página, à esquerda que, de um volume ao outro, apresenta uma mudança nos traços, indo de uma imagem supostamente mais elementar no livro do 1º ano até um desenho mais complexo no livro do 5º ano.

Na sequência dos volumes do LE há uma parte denominada "conheça seu livro" que, de uma maneira atrativa, com textos escritos e imagéticos, apresenta

tópicos das seções que aparecerão ao longo do livro: "para começar"; "o que aprendemos"; "para terminar" (nessas três primeiras o estudante poderá acompanhar o desenvolvimento de seu conhecimento em Arte); "abertura" (observar e apreciar reproduções de pinturas, esculturas e fotografias); "o que eu vejo" (perceber o que o estudante sabe sobre o assunto); "mãos à obra" (fazer atividades artísticas só ou com os colegas); "glossário" (aprender o significado de palavras ligadas à Arte e aos assuntos estudados); "de olho na imagem" (apreciar reproduções de obras de arte e conhecer um pouco mais sobre elas); "conheça o artista" (biografia de alguns artistas); "para fazer com os colegas" (atividades em grupo); "musicando" (ampliar o conhecimento musical); "vamos ler" (recomendações de leitura) e "ícones utilizados" (ícones com as respectivas legendas, indicando qual atividade será realizada e quais os temas transversais trabalhados, quando for o caso).

Cada volume reúne capítulos (1º e 2º anos possuem quatro capítulos e 3º, 4º e 5º anos, cinco capítulos) que partem de temas específicos para gerar oportunidades aos estudantes desenvolverem as habilidades e competências da BNCC, além de estabelecer os processos de literacia de acordo com as bases da Política Nacional de Alfabetização (PNA). Cada capítulo apresenta um enfoque específico e busca estabelecer relações entre as linguagens, sempre apresentando imagens (desenhos, fotografias, reproduções) relacionadas com o conteúdo. Todos os subtemas também são iniciados por uma imagem relacionada à temática selecionada e com questões que visam explorar os conhecimentos prévios dos estudantes, estabelecendo relações entre sua realidade e o assunto abordado. Acerca das temáticas retratadas ao longo das obras: o primeiro volume trata da brincadeira como arte, das linguagens da arte, de expressões artísticas como o circo e a elaboração de histórias em quadrinho; **o segundo, discute o teatro e elementos teatrais, teatro com bonecos e sombras**, moradias como expressões de arte e o uso de linhas e formas na criação artística; o terceiro volume apresenta espaços culturais, instrumentos musicais, arte em espaços públicos, festas, danças e ritmos tradicionais e populares no Brasil; o quarto volume propõe um olhar para a natureza, através da natureza morta, da transformação dos espaços e de como a natureza pode auxiliar nesse processo, além de apresentar formas culturais de artes pré-colombianas, pré-colonial e indígena brasileira; e o quinto volume discute fotografia, cinema, dança como formas de expressão, elaboração de retratos e autorretratos, incluindo, também, a arte do cordel. Ao longo dos capítulos são propostas atividades para o professor e os alunos desenvolverem, relacionadas aos temas desenvolvidos. São apresentados artistas em "Conheça o artista" e são explorados conhecimentos musicais em "Musicando".

O MP tem início com uma carta ao professor, que é uma breve apresentação; em seguida, está o respectivo Sumário do volume, que antecede a Seção introdutória, destinada à compreensão geral da obra e seus fundamentos teórico-metodológicos, pedagógicos, avaliativos e correspondentes às exigências da BNCC, com as páginas em algarismos romanos. A Proposta teórico-metodológica está pautada nas habilidades e competências de Perrenoud (2002), trazidas pelas BNCC, referendadas no componente curricular Arte. Os itens desta seção são: 1. Ensino e aprendizagem de Arte no Ensino Fundamental; 2. Proposta pedagógica da coleção; 3. Principais práticas pedagógicas; 4. Organização da coleção e 5. Referências bibliográficas comentadas. A seguir, o MP reproduz o LE, acrescido de textos, comentários, atividades complementares, orientações pedagógicas, indicação das habilidades da BNCC, que estão sendo abordadas, links para acesso a materiais digitais e audiovisuais e direcionamentos às atividades desenvolvidas no LE. (Guia do PNLD, 2023, Adaptado.)

Imagem 6: Capa da obra *Ápis mais Arte – 1º ano*

Título

ÁPIS MAIS

Autor

ELIANA GOMES PEREIRA POUGY,
ANDRÉ LUÍS VILELA, ESTÉVÃO
MARQUES FERREIRA ROCHA

Categoria da Obra

Categoria 2: Arte

Editora

EDITORA ATICA S.A.

Número da edição: 1

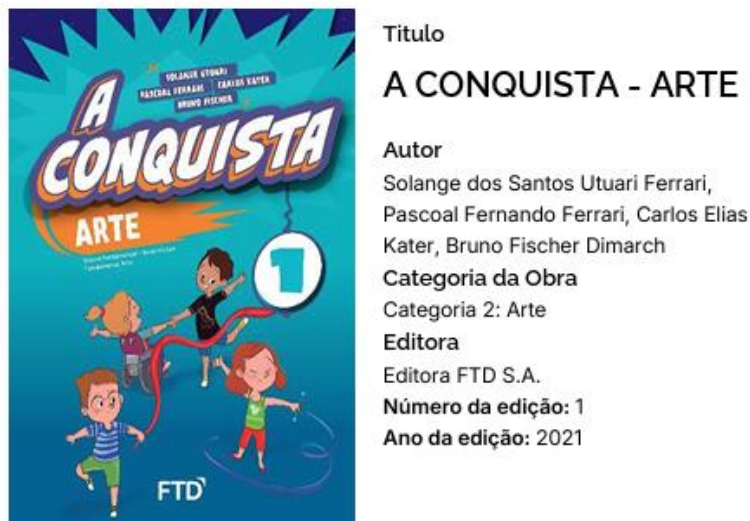
Ano da edição: 2021

Fonte: PNLD, 2021.

A obra é composta por cinco LE e cinco MP, constituídos por uma página inicial que identifica o ano e a edição correspondentes e por uma breve apresentação acompanhada de uma imagem que sugere a identidade conceitual da proposta curricular destinada ao Ano de escolarização. Cada volume é dividido em duas unidades que abordam questionamentos sobre temáticas amplas e se desdobram em dois capítulos relacionados, cada qual, a uma linguagem artística. Em todos os volumes encontram-se atividades regulares, tais quais "Experimentando", "Chuva de Ideias", "Fazendo Arte", "O que estudamos", "Aquecimento" e boxes como "Arte e...", "Assim também aprendo" e "Portfólio". No volume do primeiro ano, a Unidade 1 é denominada "Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?". Ela se desdobra em dois capítulos: o primeiro que abarca conhecimentos sobre desenho e o segundo que aborda conhecimentos sobre a arte de escutar os sons e a gravação sonora. Ao término dos dois capítulos é discutida a possibilidade de se fazer um desenho que se mexe e faz sons. A Unidade 2 é denominada "Brincar é Importante?" se desdobra em um capítulo que discute o movimento dançado e suas direções e em outro que apresenta os sujeitos que fazem o teatro ocorrer. Ao término do quarto capítulo é apresentado um documentário. **No volume do segundo ano, a Unidade 1 é denominada "Como a Arte faz pensar?". Ela se desdobra em dois capítulos: o primeiro abarca conhecimentos que demonstram como a imaginação ganha vida no teatro através de personagens e o segundo aborda como a dança pode alertar para problemas ambientais. Ao término dos dois capítulos é apresentada uma intervenção que une estas duas linguagens.** A Unidade 2 é denominada "Brinquedo pode ser Arte?" e apresenta um museu e uma orquestra de brinquedo. Ao término do quarto capítulo é apresentada uma exposição que disponibiliza mais de 1900 brinquedos antigos. No volume do terceiro ano, a Unidade 1 é denominada "A Arte pode ser feita com tudo? estimula a produção de Arte com sucata e de instrumentos musicais. Ao término dos dois capítulos é apresentada uma plástica sonora que une artes visuais e música. A Unidade 2 é denominada "Como a Arte pode fazer a gente se sentir bem? aborda o teatro, a dança e os locais onde tais linguagens podem ser encenadas. Ao término do quarto capítulo é apresentada a palhaçaria do grupo "Doutores da Alegria". No volume do quarto ano, a Unidade 1 aborda como a arte pode unir pessoas através da dança e de festejos dançados. Ao término dos dois capítulos é apresentado o carnaval e o frevo. A Unidade 2 se concentra na Arte como construtora de lugares, propõe o Teatro como forma de contar histórias e preservar a tradição e gravuras como linguagem que podem expressar a diversidade de determinados povos. No volume do quinto ano, encontra-se na Unidade 1 a questão: Como arte e cultura se relacionam? Nela o olhar percorre os cantos e a memória

indígena dos Guaranis, a arte da azulejaria e o Bumba meu boi. Na Unidade 2 são apresentadas discussões sobre como a Arte pode valorizar a cultura, com foco nas Danças Africanas e nas narrativas do Teatro de Mamulengos. Ao final de todos os volumes são apresentadas Referências Bibliográficas comentadas. (Guia do PNL, 2023. Adaptado.)

Imagem 7: Capa da obra *A conquista Arte – 1º ano*



PNLD, 2021.

No LE, em cada um dos volumes, há uma introdução dos autores destinada aos estudantes com exemplos de formas artísticas e um convite a transitar por elas ao longo do livro. Cada um dos capítulos é centrado em uma temática vinculada às diferentes linguagens da arte (dança, artes visuais, música e teatro) em diálogo com obras de artistas, estabelecendo relações com as propostas de estudo de forma clara. Verifica-se uma sequência padrão de seções que se mantém com a mesma lógica organizacional em toda a coleção, contudo, diferenciando-se a cada livro pela especificidade de conteúdo e pela sua progressão a cada ano. O LE possui uma organização visual e escrita atrativa aos estudantes com exemplos relevantes e propostas de atividades diversas entre as linguagens artísticas (dança, artes visuais, música e teatro), conferindo à obra uma dimensão intradisciplinar. Por outro lado, constata-se que a obra estabelece relações com outros componentes curriculares (ciências da natureza, geografia, educação física, história, língua portuguesa, matemática) num trabalho interdisciplinar, articulando a pluralidade de saberes que envolvem as culturas e produção de conhecimentos. No LE os volumes são compostos por duas unidades com dois capítulos com nove a doze seções. Ao final dos capítulos encontram-se os subtítulos "O que aprendi neste ano", "Referências comentadas" e "Leituras complementares para o professor". O MP está dividido em duas partes: a primeira contém orientações gerais ao professor para o componente Arte, considerações sobre a evolução sequencial dos conteúdos para o ano a que se destina, indicações para o monitoramento das aprendizagens, trechos de textos que complementam a proposta pedagógica, bibliografia comentada e orientações sobre a organização do manual. A segunda parte contém a integralidade do LE e cada par de páginas é circundado com uma faixa em "U" com orientações e atividades complementares destinadas ao docente. Há

também orientações específicas para a condução das atividades, grafadas em letras vermelhas sobre o texto do LE. (Guia do PNLD, 2023. Adaptado.)¹¹

3.3 Análise das obras didáticas

Levantamento de informações

Para iniciar a análise das obras didáticas selecionadas, consideramos as seguintes informações:

- Quantidade de páginas dedicadas aos conteúdos relativos às artes da cena
- Temas
- Artistas/Companhias/Grupos de destaque
- Habilidades da BNCC contempladas¹²

Não consideramos o material do professor, exceto a indicação das habilidades da BNCC.

Buriti mais Arte – Editora Moderna

Na obra há três capítulos com conteúdos relativos às artes da cena.

Capítulo 1 “Entrando em cena”: 20 páginas

Temas:

- Teatro grego; tragédia e comédia; máscaras teatrais.
- Texto teatral; leitura dramática.
- Figurino e maquiagem; sonoplastia e cenografia.

Artista e grupo de destaque:

- José Carlos Aragão – jornalista, ator e escritor – Minas Gerais
Texto “No palco, todo mundo vira bicho”
- Companhia Teatro Máquina – Ceará
Espetáculo “Paraíso”

Habilidades da BNCC: EF15AR03, EF15AR04, EF15AR15, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23 e EF15AR25.

Considerações gerais:

¹¹ Mais informações sobre as obras podem ser consultadas no Guia do PNLD 2023 disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2023_anos_iniciais_ensino_fundamental_obras_didaticas/livros (Acesso em: 24 set. 2025).

¹² Ver anexo com indicação das habilidades de Arte da BNCC para os anos iniciais do ensino fundamental.

São propostos diálogos entre linguagens artísticas: atividades de teatro que envolvem artes visuais, como confecção de máscaras e criação de figurino, cenário e maquiagem. Há conteúdo sobre máscaras nas culturas indígenas e africanas.

Capítulo 2 “Bonecos e sombras”: 14 páginas

Temas:

- Teatro de sombras; luz e iluminação.
- Experimentações em dança; espetáculos de dança; “O Quebra-Nozes”.
- Teatro de mamulengos.

Artista de destaque:

- José Ermínio da Silva, conhecido como “Miró dos Bonecos” – mestre mamulengueiro – Pernambuco

Habilidades da BNCC: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR12, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR25.

Considerações gerais:

Os demais artistas apresentados no capítulo não são das artes da cena: Tchaikovsky (músico – Rússia) e Kumi Yamashita (artista visual – Japão).

Capítulo 3 “Lugar onde moramos”: 1 página

Tema:

- Relações entre dança, arquitetura e história.

Grupo de destaque:

- Nômades Grupo de Dança – Goiás
Espetáculo “Escape”

Habilidades da BNCC: EF15AR08 e EF15AR10.

Considerações gerais:

Trata-se de um capítulo dedicado à arquitetura com 1 página de conteúdo sobre dança.

Ápis mais Arte – Editora Ática

Na obra há dois capítulos com conteúdos relativos às artes da cena.

Capítulo 1 “Teatro: a imaginação ganha vida!”: 16 páginas

Temas:

- Teatro de formas animadas; teatro de objetos; teatro de bonecos; teatro de sombras.

- Tipos de personagens (reais, de ficção, animais, plantas ou objetos).

Companhia de destaque:

- Cia. Truks – São Paulo

Espectáculos: “Zoo-ilógico”, “Truks, a bruxinha” e “Expedição pacífico”

Habilidades da BNCC: EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20 e EF15AR21.

Capítulo 2 “Dançar para alertar!”: 16 páginas

Temas:

- Balé clássico.
- Movimentos corporais (pesados, leves, rápidos, lentos).
- Mudanças de movimento (suave, brusca).

Artista de destaque:

- Gisela Fernandes – dançarina – Rio de Janeiro

Espectáculo: “Sobre cisnes”

Performances: “Pet na rede” e “Garrafão”

Habilidades da BNCC: EF15AR01, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11.

Considerações gerais:

Nos capítulos de teatro e dança não há nenhuma referência de culturas indígenas e africanas ou afro diaspóricas.

A conquista Arte – FTD

Na obra há dois capítulos com conteúdos relativos às artes da cena.

Capítulo 2 “Mundo das coisas”: 20 páginas

Temas:

- Dança com objetos.
- Teatro de formas animadas; teatro de objetos.
- Teatro de sombras.

Companhias e grupos de destaque:

- Cia. Pia Fraus – São Paulo

Espectáculos: “Círculo das baleias”, “Bichos do Brasil” e “Filhotes da Amazônia”

- Grupo Sobrevento – São Paulo

Espectáculos: “Bonecos aqui!” e “Bailarina”

- Grupo Girino – Minas Gerais

Espectáculos: “O fantástico circo de papel” e “Meu ambiente”

- Grupo Pilobolus – Estados Unidos

Espectáculo: “Terra da sombra” (*Shadowland*)

Habilidades da BNCC: EF15AR04, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23 e EF15AR24.

Considerações gerais:

Material rico em quantidade de referências apresentadas.

Capítulo 3 “Arte, ideia e movimento”: 8 páginas

Temas:

- Ciranda; dança de roda.

Grupo de destaque:

- Grupo Cirandar – São Paulo

Habilidades da BNCC: EF15AR01, EF15AR03, EF15AR06, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12, EF15AR13, EF15AR14, EF15AR23 e EF15AR25.

Considerações gerais:

Capítulo predominante sobre música com alguns conteúdos pontuais sobre dança.

Análise comparativa

A partir das informações levantadas, comparamos os dados com base nas questões a seguir:

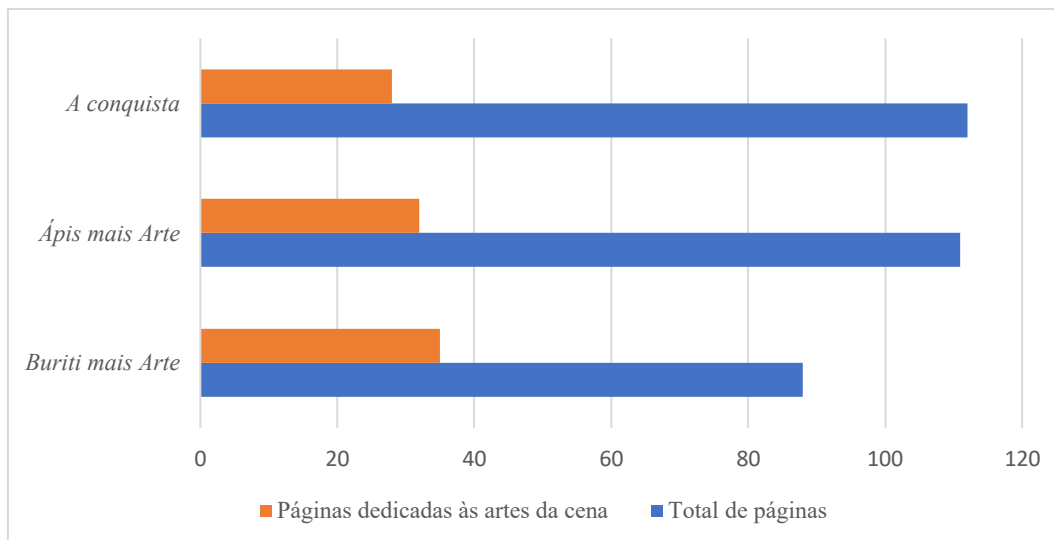
1. Quantas páginas de cada obra são dedicadas às artes da cena?

Tabela 1: Distribuição de páginas

Obras	Total de páginas	Páginas dedicadas às artes da cena	Proporção
<i>Buriti mais Arte</i>	88	35	39,8%
<i>Ápis mais Arte</i>	111	32	28.8%
<i>A conquista Arte</i>	112	28	25%

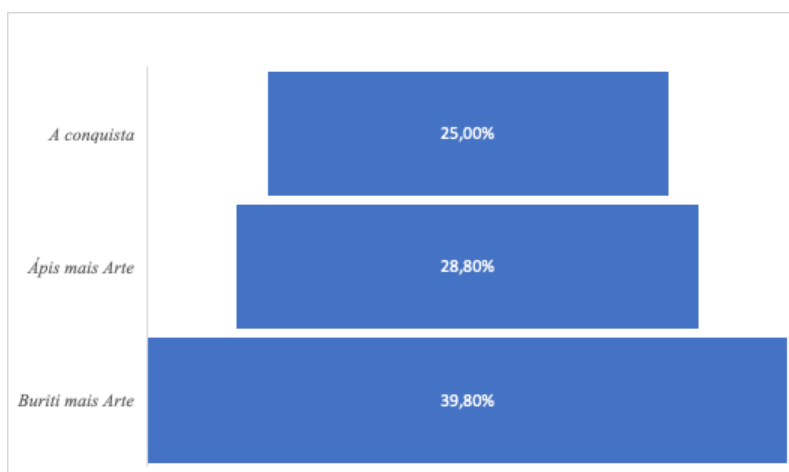
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Imagem 8: Páginas dedicadas às artes da cena por obra



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Imagem 9: Proporção de páginas dedicadas às artes da cena por obra



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

- *Buriti mais Arte* é a obra que mais valoriza as artes da cena, dedicando quase 40% de seu conteúdo a essa linguagem.
- *Ápis mais Arte* e *A conquista Arte* apresentam proporções menores, com destaque para *A conquista*, que dedica apenas 25%.
- Embora *A conquista* tenha o maior número total de páginas, ela é a que apresenta menos espaço para as artes da cena.

2. Quais temas das artes da cena são mais explorados no 2º ano do ensino fundamental?

Tabela 2: Distribuição temática

Obras	Temas
<i>Buriti mais Arte</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Teatro grego; tragédia e comédia; máscaras teatrais. ○ Texto teatral; leitura dramática. ○ Figurino e maquiagem; sonoplastia e cenografia. ○ Teatro de sombras; luz e iluminação. ○ Experimentações em dança; espetáculos de dança; “O Quebra-Nozes”. ○ Teatro de mamulengos. ○ Relações entre dança, arquitetura e história.
<i>Ápis mais Arte</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Teatro de formas animadas; teatro de objetos; teatro de bonecos; teatro de sombras. ○ Tipos de personagens (reais, de ficção, animais, plantas ou objetos). ○ Balé clássico. ○ Movimentos corporais (pesados, leves, rápidos, lentos). ○ Mudanças de movimento (suave, brusca).
<i>A conquista</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Dança com objetos. ○ Teatro de formas animadas; teatro de objetos. ○ Teatro de sombras. ○ Ciranda; dança de roda.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Os temas das artes da cena mais explorados no 2º ano do ensino fundamental são principalmente voltados para o teatro de formas animadas (teatro de bonecos, teatro de sombras e teatro de objetos). Esses temas aparecem em todas as obras analisadas.

3. Quantos artistas da cena apresentados nas obras são homens? São mulheres? São travestis ou transexuais?¹³

Tabela 3: Artistas de destaque

Obras	Artistas de destaque
-------	----------------------

¹³ Para essa questão não estamos considerando os grupos e as companhias.

<i>Buriti mais Arte</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ José Carlos Aragão – jornalista, ator e escritor ○ José Ermínio da Silva, conhecido como “Miró dos Bonecos” – mestre mamulengueiro
<i>Ápis mais Arte</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Gisela Fernandes – dançarina
<i>A conquista</i>	*Não há artistas individuais.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Síntese:

- Homens: 2
- Mulheres: 1
- Travestis ou Transexuais: 0

As obras destacam principalmente artistas homens. Há apenas uma artista mulher. Não há menção a artistas travestis e transexuais entre os nomes citados.

4. Quantos artistas da cena apresentados nas obras são brancos? São pretos e pardos? São indígenas?

Tabela 4: Distribuição racial e étnica

Obras	Artistas de destaque	Raça/Etnia
<i>Buriti mais Arte</i>	José Carlos Aragão	Branco
	José Ermínio da Silva (Miró dos Bonecos)	Preto/Pardo
<i>Ápis mais Arte</i>	Gisela Fernandes	Branca
<i>A conquista</i>	*Não há artistas individuais.	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Síntese:

- Brancos: 2
- Pretos e pardos: 1
- Indígenas: 0

A representação racial e étnica dos artistas apresentados nas obras é majoritariamente branca (2 artistas) com a presença de 1 artista preto/pardo e ausência de artistas indígenas.

5. Como se dá a distribuição geográfica dos grupos, companhias e artistas individuais da cena apresentados na obra?

Tabela 5: Distribuição geográfica

Obras	Artistas e grupos de destaque
<i>Buriti mais Arte</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ José Carlos Aragão – Minas Gerais (Sudeste) ○ Companhia Teatro Máquina – Ceará (Nordeste) ○ José Ermínio da Silva (Miró dos Bonecos) – Pernambuco (Nordeste) ○ Nômades Grupo de dança – Goiás (Centro-Oeste)
<i>Ápis mais Arte</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cia. Truks – São Paulo (Sudeste) ○ Gisela Fernandes – Rio de Janeiro (Sudeste)
<i>A conquista</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cia. Pia Fraus – São Paulo (Sudeste) ○ Grupo Sobrevento – São Paulo (Sudeste) ○ Grupo Girino – Minas Gerais (Sudeste) ○ Grupo Pilobolus – Estados Unidos (América do Norte) ○ Grupo Cirandar – São Paulo (Sudeste)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

- *Buriti mais Arte*

Abrangência: Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste.

Há uma diversidade regional significativa, com destaque para o Nordeste (2 artistas representantes).

- *Ápis mais Arte*

Abrangência: Há artistas apenas da região Sudeste.

- *A conquista Arte*

Abrangência: Predomínio de artistas da região Sudeste, com um grupo internacional.

Tabela 6: Distribuição regional

Região	Quantidade de grupos/artistas
Norte	0
Nordeste	2
Centro-Oeste	1
Sudeste	7
Sul	0
*Internacional	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A distribuição geográfica evidencia forte concentração de artistas da região Sudeste do Brasil, principalmente, do estado de São Paulo. Há também representatividade de outras regiões do país (Nordeste e Centro-Oeste), além de um grupo estrangeiro.

6. Quais habilidades da BNCC são mais contempladas nos conteúdos relacionados às artes da cena em cada obra?

Tabela 7: Habilidades da BNCC

Obras	Habilidades da BNCC
<i>Buriti mais Arte</i>	EF15AR01, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR12, EF15AR15, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23 e EF15AR25.
<i>Ápis mais Arte</i>	EF15AR01, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20 e EF15AR21.
<i>A conquista</i>	EF15AR01, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR06, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12, EF15AR13, EF15AR14, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25.

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

As habilidades mais contempladas nos conteúdos relacionados às artes das cenas nas obras analisadas são:

EF15AR01 – Experimentar diferentes formas de expressão artística.

EF15AR08 – Explorar e compreender diferentes elementos das artes cênicas (movimento, corpo, voz, espaço, tempo).

EF15AR09 – Reconhecer o corpo como instrumento de expressão artística.

EF15AR10 – Participar de práticas artísticas de forma colaborativa.

EF15AR18 – Reconhecer manifestações artísticas de diferentes contextos culturais.

EF15AR19 – Valorizar a diversidade cultural nas produções artísticas.

EF15AR20 – Relacionar arte e cotidiano.

EF15AR21 – Refletir sobre produções artísticas e seus significados.

Essas habilidades evidenciam foco na experimentação, expressão corporal, diversidade cultural e apreciação crítica das manifestações artísticas.

4 DEPOIMENTOS E PROPOSTAS

4.1 Como os professores usam as obras didáticas de Arte em sala de aula?

Ao discorrer sobre minha atuação profissional, costumo falar de maneira jocosa que nós editores vivemos no “maravilhoso mundo do livro didático”. Infelizmente, grande parte dos profissionais que atuam dentro das casas editoriais estão fora da sala de aula do ensino regular. Faço essa afirmação com base em minha própria biografia: não tenho praticamente nenhuma experiência como professora em escolas da rede pública e vejo isso como uma lacuna em minha trajetória.

Na frente do computador e em reuniões entusiasmadas, nós, editores e autores, temos múltiplas ideias acerca de conteúdos e atividades que podem chegar aos estudantes de todo o país através do livro didático. Mas, será que isso realmente acontece? Teoricamente, a distribuição dos materiais é assegurada pelo poder público, no entanto, nada garante o seu uso.

Esse incômodo faz parte da minha vida profissional há bastante tempo e, neste trabalho, busquei também investigar: como os professores usam as obras didáticas de Arte em sala de aula? Essa pergunta foi feita para professoras¹⁴ polivalentes e especialistas em atuação em escolas públicas do estado de São Paulo, ao longo de 2025. Seus depoimentos são transcritos a seguir.

Professora 1 – Especialista de Arte

(depoimento feito por escrito)

Os livros do fundamental I são consumíveis, ou seja, as crianças podem desenhar e escrever no próprio livro, isso facilita muito o seu uso. Diferente do ensino fundamental II que o livro é apenas emprestado, não podendo fazer nenhuma marcação de estudo nele. Então focarei aqui meu relato no ensino fundamental I.

Na hora da escolha do livro, além de analisar o conteúdo, também escolho pelas propostas práticas e espaços que possamos explorar dentro do livro. Mesmo assim não fico apenas no livro, o tema de cada capítulo é trabalhado em outros espaços e materialidades.

Os livros são deixados na escola, no armário da sala, enquanto estamos utilizando e apenas no final do processo o livro é entregue às crianças.

¹⁴ Não encontrei nenhum homem professor especialista ou polivalente para contribuir com esse trabalho.

Intercalo o uso do livro com outras propostas dentro do mesmo tema, para as crianças poderem explorar e vivenciar diversas possibilidades dentro da arte.

No final do ano letivo este livro será da criança, elas ficam muito felizes quando recebem o livro para casa. Normalmente eu coloco este recado para os pais:

“Aos responsáveis,

Sou professora de Arte e venho por meio deste bilhete informar que já utilizamos o livro de Arte na escola, algumas atividades fizemos direto no livro, outras no caderno de desenho e também exploramos outras possibilidades de suportes. Agora o livro segue para uma segunda etapa, será um material de referências e que ajudará a ampliar o olhar da criança, ao explorar a pintura e o desenho em espaços que ainda estejam em branco no livro. Por isso o livro pode ser usado livremente pela criança em casa e espero que também se torne um material que incentive a leitura tanto de imagens como de textos.”

No início eu não gostava de utilizar o livro, achava que iria limitar muito as possibilidades, mas depois vi que poderia conciliar as minhas práticas com as propostas do livro. Utilizando o livro como apoio e também um espaço para as crianças explorarem. Mas a liberdade de não precisar completar cada partezinha do livro é imprescindível para as aulas ficarem mais significativas, do que apenas seguir o livro à risca. Com uma aula por semana, se fosse seguir à risca, ficaria apenas no livro o ano inteiro.

Este ano a prefeitura enviou mais um livro de apoio que não dialoga com o primeiro livro. Nós professores não fomos consultados e não verificaram qual livro estamos utilizando para enviar o de apoio corretamente. Mais um livro, é mais espaço para guardar ou para a criança carregar em sua mochila. Acredito que é um gasto de verba pública mal utilizada.

Em relação aos livros didáticos de ensino fundamental I, analiso que tem muitas propostas de escrita, mesmo para o primeiro ano que está aprendendo agora. Com uma aula de Arte por semana, ou duas aulas na rede estadual, temos que focar no ensino de Arte, com mais propostas para o desenvolvimento motor, senso estético, leitura de imagem e pensamento crítico reflexivo. Porém de forma lúdica para os pequenos. Com mais espaços e propostas práticas, com grandes imagens que o estudante consiga ver cada detalhe daquela obra.

O livro poderia ser mais direcionado, mais leve (com poucas páginas), porém mais significativo, poderia ser um livro de artista para os pequenos. Sendo de Arte podemos quebrar um pouco os padrões dos livros didáticos comuns.

Professora 2 – Especialista de Arte

(depoimento feito em áudio)

A gente não usa muito porque é muito longe da realidade [...].

Esse ano, do primeiro ano, ninguém me passou nada porque eles sabem que a gente geralmente nem se inspira no livro para usar. Mas, quando eu dava aula para o sexto ano, fui tentar usar o livro e achei muito fora da realidade [...] era muita teoria. Por exemplo: ia falar sobre dança, aí os alunos tinham que primeiro fazer uma pesquisa com os pais sobre tipos de danças, depois fazer um debate na escola sobre o que aprenderam em casa, fazer uma troca com os colegas, depois cada um ia fazer uma apresentação, depois a gente ia fazer um trabalho conjunto. Era uma coisa muito complexa e os alunos não estavam interessados. Eles não querem saber de dança, é um ou outro que se interessa, eles têm vergonha de dançar. Eles não se interessam, então, você tem que ficar insistindo pelo amor de Deus, ninguém quer fazer nada, é horrível, não dá para trabalhar. A gente geralmente foca naquilo que os alunos todos vão fazer. E aí a gente trabalha cada dia uma coisa diferente, não dá para gente ficar trabalhando todo dia a mesma coisa. Era para o semestre inteiro trabalhar dança, só que isso na nossa realidade não dá certo, os alunos não queriam, ninguém estava interessado. Não adianta, não agrega em nada, todos os professores reclamam dos livros.

Professora 3 – Especialista de Arte

(depoimento feito em áudio)

Sobre o material didático: hoje, nas aulas de Arte eles não são utilizados, porque normalmente os livros abordam as linguagens da arte, dança, música, teatro, artes visuais. E o que acontece é, por exemplo, eu estou em artes visuais, pelo menos os livros dos materiais didáticos que observei, eles não têm uma sequência. Ele, por exemplo, está trabalhando arte rupestre, de repente, na próxima atividade, já tem coisas de arte contemporânea. Não segue uma linha da história do tempo, o que acaba, a meu ver, confundindo a cabeça do aluno. Ele não consegue entender onde ele está na história da arte. Entendeu? Até mesmo para conseguir ter um uma noção de tempo.

Mas os conteúdos são ricos que dá para serem abordados, que dá para serem trabalhados, mas essa questão de sair de um assunto, por exemplo, da arte rupestre, para daí já ir para a arte moderna, e para daí já voltar para um outro campo da história, fica algo perdido, sem uma sequência. Sabe? O que eu percebo é assim: falta de sequência dentro da linha do tempo da história da arte.

Professora 4 – Polivalente

(depoimento feito em áudio)

Eu não tenho uma boa opinião sobre os materiais. Em geral é muito material, sem que possamos fazer bom proveito. Muitos projetos que mais atrapalham. Seria bom a escolha de apenas um material, sem projetos, e que permitisse o professor complementar como o que for necessário.

Em geral, a escolha real deve ser feita pelos professores, descentralizando essa escolha, pois cada sala tem uma necessidade diferente. Em geral, a escolha do material acaba sendo da seguinte maneira: vem de um dia para o outro, de uma semana para a outra, para gente escolher. Como que a gente vai fazer uma boa escolha de um material complexo de uma semana para a outra? Ou de um dia para o outro? Não tem como a gente fazer, então, tem que levar tempo para gente poder fazer a escolha do material. E quando vem muitas vezes, assim, uma lista: você pode escolher dentre esses dois materiais; dentre esse ou esse livro, você pode fazer escolha. Então, isso para mim não é escolha. Escolha é dar ao professor o direito de pesquisar dentro do que existe. Ofertar essa escolha para os professores e descentralizar. É muito centralizado. A prefeitura tem que fazer a escolha – Não. Cada sala a sua escolha, cada escola a sua escolha, não dentro da prefeitura, porque cada realidade é uma realidade diferente.

[...]

Os alunos com dificuldade recebem o mesmo material. Não vem material com atividades adaptadas. Atrapalha o professor.

Eu ainda acho que o objetivo é fazer o professor reclamar, para eles falarem que o professor só reclama. Eles mudam o material e o professor continua reclamando, então, é para poder colocar o professor de saia justa e na realidade o objetivo é confundir mesmo, não é favorecer. Exatamente por esse motivo, eles organizam de uma forma para gente escolher, mas é uma falha, uma forma meio assim, numa caixa em que você tem que escolher dentro daquele padrão, mas aquele padrão não serve para gente. A gente tem que ter liberdade de escolha, liberdade para gente poder trabalhar e explicar: para

essa sala, esse material não serve, para aquela sala o material não serve. Eu entendo que a Secretaria da Educação deveria colocar as habilidades que eles querem trabalhar e não livros.

Professora 5 – Polivalente

(depoimento feito por escrito)

O material didático das escolas públicas, de modo geral, é considerado bom porque busca garantir que todos os alunos tenham acesso ao mesmo conteúdo, promovendo uma certa igualdade no processo de ensino e aprendizagem. Muitos desses materiais vêm com atividades diversificadas, textos de apoio, imagens e orientações para professores, o que facilita o trabalho pedagógico.

No entanto, ainda há pontos que podem melhorar. Em alguns casos, os conteúdos não acompanham as mudanças sociais e tecnológicas da atualidade, tornando-se desatualizados. Outro aspecto é que, apesar de trazerem exercícios e explicações, muitas vezes não consideram a diversidade cultural e as realidades locais dos alunos, o que poderia tornar a aprendizagem mais significativa. Também é comum que falte uma abordagem mais prática e interdisciplinar, conectando as matérias ao cotidiano dos estudantes.

Portanto, o material didático é uma base importante, mas poderia ser ainda mais atrativo, contextualizado e atualizado, ajudando a despertar maior interesse e participação dos alunos.

Insiro aqui também uma postagem feita por uma professora no LinkedIn acerca do processo do PNLD.

Professora 6

(depoimento feito por escrito no LinkedIn)

Hoje, uma MINORIA (mesmo, gente, minoria) depende de livro didático para dar aula. O livro didático prescritivo, esse herdeiro do manual escolar, está em franco desuso. Fala em jogo de tabuleiro com professor para você ver os olhos brilharem. Fala em livro informativo de especialista. Fala em podcast. Mas não fala em livro didático. Só vem reclamação.

No ensino médio, o PNLD21 acelerou as coisas, com a bobagem de área de conhecimento. Nunca vi esses livros nas escolas, enquanto que os do programa anterior

estão, pelo menos, vez ou outra, perdidos em cima das mesas. E, agora, o governo Lula 3 manteve a burrice como indutora de políticas públicas de educação e vão entregar mais do mesmo. Vai ser a pá de cal. Assim espero!

Editoras, autores de livros didáticos, publishers and so on: o negócio de livros didáticos nesse modelo em que editoras concentram o mercado e faturam alto vendendo offset só existe por causa do defunto chamado educação bancária. Como já morreu e está em tempo de ser enterrado, sugiro conversarmos mais abertamente sobre outros modelos de produção de conhecimento e circulação de saberes na escola.

Nesse modelo, vocês autores de livros didáticos vão precisar sair desse lugar em que se colocaram, nessa hierarquia delirante, e procurar saber o que se passa nas nossas salas de aula. Vocês não escrevem o que nós falamos. Nem quem sabe lhufas e foi contratado pelo sistema escolar para fracassar não repete o que vocês escrevem (esses simplesmente mandam copiar o livro e responder questionário de localização de informação no texto valendo nota). Que tal vocês pegarem os livros de vocês, colocarem nas mãos do público-alvo e escutar o que eles têm a dizer? Vai ser difícil escutar? Vai, sim. Mas também vai ser lindo ver a potência de nossas crianças e adolescentes. E vai transformar para sempre a escrita de vocês.

4.2 Sondagem de uma proposta para as artes da cena nos primeiros anos do ensino fundamental

Ser martelo

É possível fazer um outro movimento que é o do martelo, em que você privilegia edições que irão questionar aquilo que está sendo escrito, os valores em moda. Sabendo que um livro não vai fazer revolução, mas pode gradativamente preparar uma mudança de postura, de pensamento, de ideias. Esse viés de martelo traz um risco muito maior, mas se trata de algo instigante. (Takahashi, 2025. p. 145 e 146.)

Chegou a hora de derrubar muros!

Considerando todo conteúdo apresentado neste trabalho (minha trajetória pessoal e profissional, os dados históricos sobre a literatura escolar brasileira, as análises das obras didáticas e os depoimentos dos professores da rede pública), sondamos algumas possibilidades de um material diferenciado para o ensino das artes da cena nos anos iniciais do ensino fundamental.

Manifesto:

Esqueceremos o controle do estado!

Ignoraremos as premissas do capital!

Viraremos as costas para os itens do edital!

Todos, todas e todes estão convidados a pensar e construir um material plural que seja de fato bem aproveitado nas salas de aula brasileiras.

4.3 Formato

O edital do PNLD prevê um formato único para materiais que serão distribuídos para o Brasil inteiro. O livro tradicional com muitas páginas e encadernação em brochura é a regra. Como bem foi apontado na fala de algumas professoras, entendemos que esse formato não dá conta da pluralidade brasileira, muito menos das possibilidades em Arte.

Diante disso, propomos um material impresso organizado em “pranchas”. Formato semelhante ao que aparece no material didático de Arte “Movimento do aprender” da SESI-SP editora, utilizados por algumas escolas da rede do Serviço Social da Indústria (SESI). Ver imagens a seguir.

Imagem 10: Prancha 1 (frente)



Imagem 11: Prancha 1 (verso)



Movimento, 2024.

Imagem 12: Prancha 2 (frente)

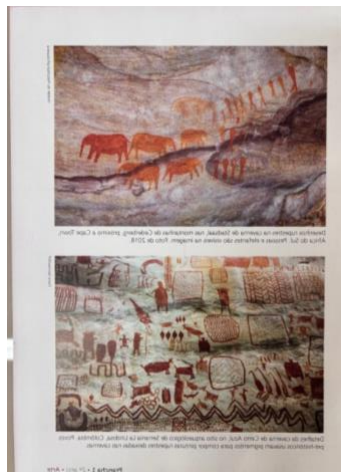
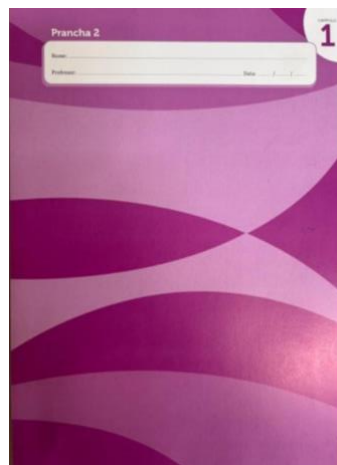


Imagem 13: Prancha 2 (verso)



Movimento, 2024.

Imagem 14: Prancha 3 (frente)

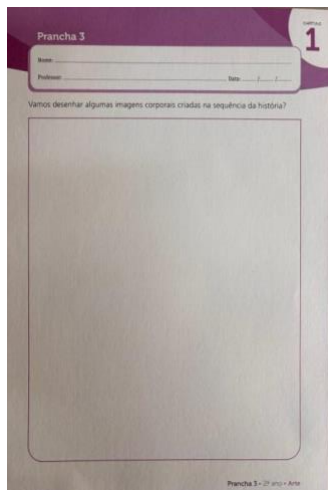


Imagem 15: Prancha 3 (verso)



Movimento, 2024.

Imagem 16: Saiba mais 1



Imagem 17: Saiba mais 2



Imagem 18: Saiba mais 3



Movimento, 2024.

Esse formato é simples e leve, o que pode baratear a produção gráfica, diminuir o peso de transporte e o espaço de armazenamento. Além disso, possibilita maior autonomia: a sequência de páginas – e, conseqüentemente, a sequência de conteúdos – não é imposta ao professor e aos estudantes. Cada turma pode usar o material da maneira que fizer sentido dentro de sua realidade.

Todavia, nossa proposta é usar as pranchas de maneira diferente da obra da rede SESI. Nessas pranchas há conteúdos e atividades em apenas um verso de cada folha. Mas, se a gramatura do papel for um pouco mais alta, é possível aproveitar os dois lados de cada uma delas. Além disso, na pasta de pranchas que tive acesso, há três pranchas destinadas a indicações de materiais complementares (Saiba mais). Esse tipo de conteúdo soa como propaganda e, se o intuito real for aumentar o repertório de referências, pode ser disponibilizado apenas aos professores.

4.4 Conteúdo

De acordo com nossa análise, o tema que mais aparece para os estudantes do 2º ano é o teatro de formas animadas. Consideramos que esse tema é alinhado com a faixa etária em questão e é contemplado nas habilidades da BNCC, por isso, vamos mantê-lo. Entretanto, propomos expandir os critérios de gênero, raça e distribuição geográfica das referências artísticas apresentadas.

Dessa forma, desenvolvemos sete pranchas não numeradas¹⁵ com propostas de atividades e conteúdos sobre o teatro de formas animadas.

¹⁵ Optamos por apresentar as pranchas em numeração ordinal somente para melhor organização didática deste trabalho. Enfatizamos que as pranchas podem ser usadas na ordem que o professor e os estudantes preferirem.

1ª Prancha (frente)

TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

VOCÊ JÁ VIU UMA APRESENTAÇÃO DE TEATRO COM BONECOS OU COM OUTROS OBJETOS?

COMO ELA ERA? SE VOCÊ NUNCA VIU UMA PEÇA ASSIM, COMO IMAGINA QUE ELA SERIA?

DESENHE OU ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO.

1ª Prancha (verso)

2ª Prancha (frente)

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Black, 2025.

HELENA BLACK CONTA HISTÓRIAS EM BIBLIOTECA PÚBLICA NA CIDADE DE SÃO PAULO. MAIO DE 2025.

2ª Prancha (verso)

EXISTEM DIVERSAS MANEIRAS DE CONTAR HISTÓRIAS!

HELENA BLACK CONTA HISTÓRIAS USANDO BONECOS E MUITOS OUTROS OBJETOS.

QUAIS MANEIRAS DE CONTAR HISTÓRIAS VOCÊ CONHECE?

DESENHE OU ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO.

3ª Prancha (frente)

TEATRO DE BONECOS



BuZum!, 2023.

ATRIZES DA CIA. BUZUM MANIPULANDO BONECOS DO ESPETÁCULO
"CURUMIM". JUNHO DE 2023.

3ª Prancha (verso)

OS BONECOS USADOS NO TEATRO PODEM SER MANIPULADOS COM FIOS, VARETAS E ATÉ MESMO COM AS MÃOS.

NO ESPETÁCULO “CURUMIM”, BONECOS COM FIOS SÃO UTILIZADOS PARA CONTAR LENDAS INDÍGENAS.

IMAGINE QUE VOCÊ É UM BONECO MANIPULADO POR FIOS.

COMO VOCÊ SE MOVERIA? DESENHE OU ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO.

4ª Prancha (frente)

TEATRO DE MAMULENGOS



Museu do Mamulengo, 2023.

CHICA DO CUSCUZ, PERSONAGEM DO TEATRO DE MAMULENGOS
TRADICIONAL DA REGIÃO DE GLÓRIA DO GOITÁ, EM PERNAMBUCO.

4ª Prancha (verso)

O TEATRO DE MAMULENGOS É UMA TRADIÇÃO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL.

OS BONECOS REPRESENTAM PERSONAGENS TÍPICOS DA CULTURA NORDESTINA. ELES SÃO UTILIZADOS PARA CONTAR HISTÓRIAS DIVERTIDAS E ENGRAÇADAS.

VOCÊ CONHECE ALGUM PERSONAGEM TÍPICO DA REGIÃO EM QUE MORA? COMO ELE É? DESENHE OU ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO.

5ª Prancha (frente)

TEATRO DE SOMBRAS



Paepalanthus, 2022.

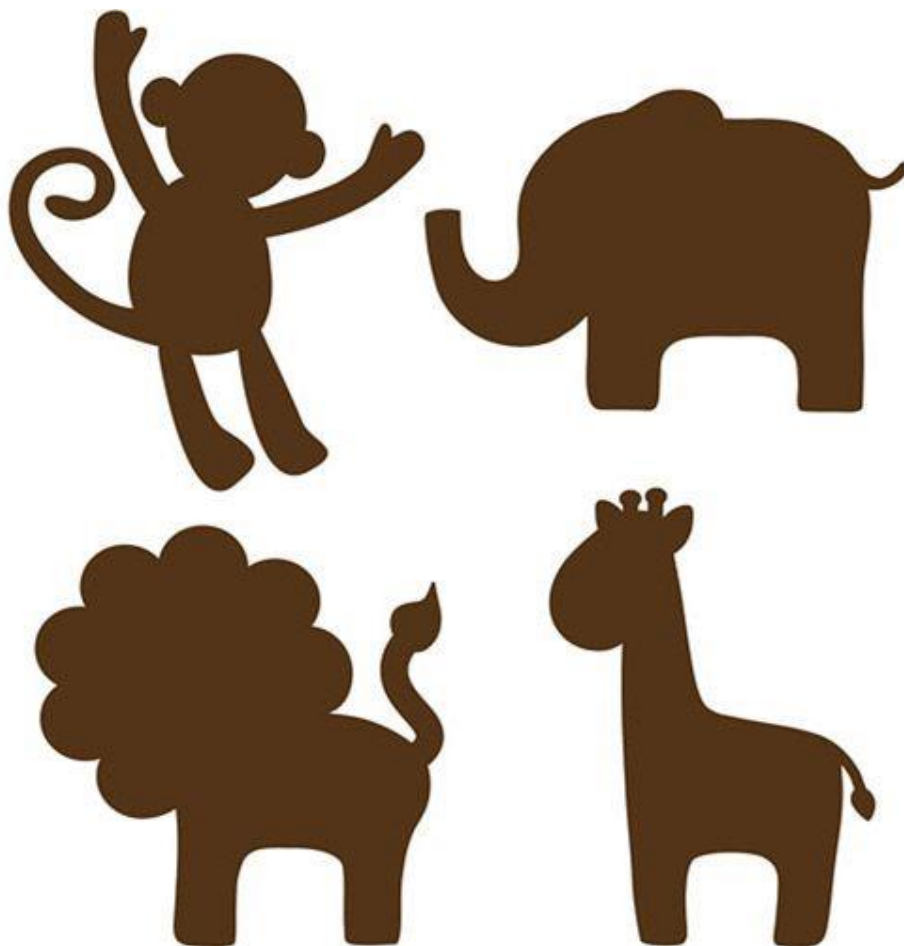
CENA DO ESPETÁCULO “CONTOS DA TERRA VERMELHA” DO GRUPO PAEPALANTHUS, DO DISTRITO FEDERAL.

5ª Prancha (verso)

NO ESPETÁCULO “CONTOS DA TERRA VERMELHA”, OS ARTISTAS UTILIZAM TÉCNICAS DO TEATRO DE SOMBRAS PARA CONTAR HISTÓRIAS DA REGIÃO DE BRASÍLIA, MUITO ANTES DE SUA CONSTRUÇÃO.

PARA FAZER TEATRO DE SOMBRAS SÃO NECESSÁRIAS UMA FONTE DE LUZ, UMA TELA OU ALGUM OUTRO TIPO DE SUPERFÍCIE LISA E UM MOLDE.

VEJA ABAIXO ALGUNS MOLDES PARA TEATRO DE SOMBRAS.



Exemplo de molde para teatro de sombras, 2024.

6ª Prancha (frente)

MOLDE PARA TEATRO DE SOMBRAS

UTILIZE O ESPAÇO ABAIXO PARA CRIAR O SEU MOLDE PARA TEATRO DE SOMBRAS.

DEPOIS, JUNTE-SE AOS COLEGAS DA TURMA E INVENTE MUITAS HISTÓRIAS.

6ª Prancha (verso)



7ª Prancha (verso)

VOCÊ CONHECEU DIFERENTES MANEIRAS DE FAZER TEATRO DE FORMAS ANIMADAS.

QUAL VOCÊ MAIS GOSTOU? CONTE PARA OS COLEGAS E FAÇA UM DESENHO NO ESPAÇO ABAIXO.

A large empty rectangular box with a thin blue border, intended for the student to draw a scene from their preferred animated theater form.

7ª Prancha (verso)

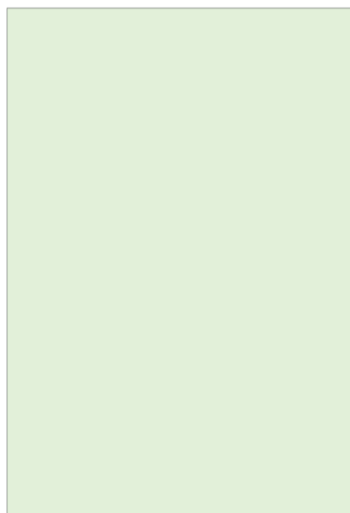
4.5 Organização das pranchas

1ª Prancha (frente)

TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

VOCÊ JÁ VIU UMA APRESENTAÇÃO DE TEATRO COM BONECOS OU COM OUTROS OBJETOS?
 COMO ELA ERA? SE VOCÊ NUNCA VIU UMA PEÇA ASSIM, COMO IMAGINA QUE ELA SERIA?
 DESENHE OU ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO.

1ª Prancha (verso)



O objetivo da 1ª Prancha é colocar a experiência prévia dos estudantes em destaque. Nos materiais tradicionais, o levantamento de conhecimentos prévios costuma ser feito a partir da imagem de algum espetáculo ou obra que já existe. Aqui a ideia é oposta: inicia-se com a experiência e/ou imaginação do estudante para, depois, apresentar referências, privilegiando o protagonismo estudantil enfatizado na BNCC. No entanto, lembramos que se o professor preferir é possível iniciar o processo com as referências artísticas, já que as pranchas não são numeradas.

Algumas pranchas não apresentam conteúdo no verso para que possam ser usadas para recorte, colagem, construção de murais etc.

2ª Prancha (frente)



2ª Prancha (verso)

EXISTEM DIVERSAS MANEIRAS DE CONTAR HISTÓRIAS!
 HELENA BLACK CONTA HISTÓRIAS USANDO BONECOS E MUITOS OUTROS OBJETOS.
 QUAIS MANEIRAS DE CONTAR HISTÓRIAS VOCÊ CONHECE?
 DESENHE OU ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO.

A 2ª, 3ª e 4ª Pranchas têm estruturas semelhantes: na frente, há uma referência artística e, no verso, uma proposta de atividade prática com espaço disponível para o estudante utilizar. Considerando a idade dos estudantes (7 a 8 anos), os textos são curtos e objetivos. Os enunciados preveem respostas que podem ser desenhadas ou escritas, incentivando a criatividade e o desenvolvimento alfabético.

5ª Prancha (verso)

NO ESPETÁCULO "CONTOS DA TERRA VERMELHA", OS ARTISTAS UTILIZAM TÉCNICAS DO TEATRO DE SOMBRAS PARA CONTAR HISTÓRIAS DA REGIÃO DE BRASÍLIA, MUITO ANTES DE SUA CONSTRUÇÃO.

PARA FAZER TEATRO DE SOMBRAS SÃO NECESSÁRIAS UMA FONTE DE LUZ, UMA TELA OU ALGUM OUTRO TIPO DE SUPERFÍCIE LISA E UM MOLDE.

VEJA ABAIXO ALGUNS MOLDES PARA TEATRO DE SOMBRAS.

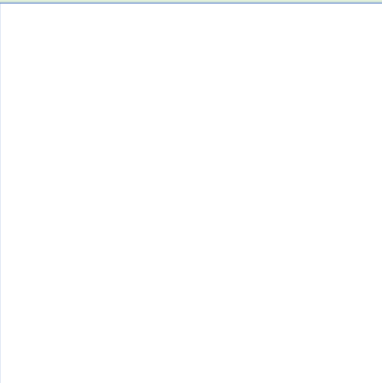


6ª Prancha (frente)

MOLDE PARA TEATRO DE SOMBRAS

UTILIZE O ESPAÇO ABAIXO PARA CRIAR O SEU MOLDE PARA TEATRO DE SOMBRAS.

DEPOIS, JUNTE-SE AOS COLEGAS DA TURMA E INVENTE MUITAS HISTÓRIAS.



No verso da 5ª Prancha são oferecidas referências simples para a atividade prática que pode ser realizada na 6ª Prancha. Praticamente todo o espaço da 6ª Prancha é pensado para que o estudante possa desenhar e recortar. A ideia é equalizar o acesso, disponibilizando materiais que todos possam usar igualmente. No entanto, se o professor e os estudantes preferirem, os recortes dos moldes podem ser feitos em um papel a parte.

7ª Prancha (verso)

VOCE CONHECEU DIFERENTES MANEIRAS DE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:

QUAL VOCE MAIS GOSTOU? CONTE PARA OS COLEGAS E FAÇA UM DESENHO NO ESPAÇO ABAIXO.



Por fim, a 7ª Prancha tem como objetivo levar o estudante a rever o conteúdo que foi trabalhado. Pode ser como avaliação ou autoavaliação, se o professor quiser. Assim como as demais pranchas, não é um conteúdo obrigatório, a sequência didática pode se encerrar na proposta anterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória percorrida ao longo desta pesquisa, ficou evidente que há um grande descompasso entre os livros didáticos de Arte aprovados no PNLD e o verdadeiro uso desses materiais em sala de aula. De fato, há muito a ser revisto. É necessário repensar os formatos, os conteúdos, os processos de escolha e de distribuição entre outras questões que fazem parte do programa. A falta de bibliografia sobre o tema é um sintoma que mostra que o programa não está recebendo a atenção necessária. Trata-se de muito dinheiro público investido em objetos que não estão atendendo devidamente os verdadeiros protagonistas do processo educacional: os estudantes e os professores.

Contudo a existência desses materiais é uma vitória. Como comentei na primeira parte desta pesquisa, eu não tive livros didáticos de Arte em todo meu percurso como estudante do ensino público. Muitas e muitas vezes, enquanto trabalhava em algum livro de Arte para o PNLD, pensei “gostaria de ter tido um livro como esse em minha época de escola”. E já ouvi outros colegas editores fazerem comentários semelhantes.

Acredito que o livro didático é um direito e o PNLD é um programa importantíssimo. No entanto, ele precisa ser revisitado e atualizado constantemente e uma maneira de tentar fazer isso é aproximar professores, estudantes, mercado editorial e academia universitária.

A proposta de material didático aqui feita não pretende dar conta de todos os aspectos levantados ao longo desta pesquisa. E esta pesquisa foi realizada a partir de um recorte muito pequeno e com critérios limitados, que também não dão conta de todos os aspectos que merecem ser estudados.

Deu vontade de analisar mais páginas. Deu vontade de analisar mais livros. Deu vontade de falar com mais professores. Deu vontade de falar com estudantes. Deu vontade de criar mais propostas. Aqui há somente uma tentativa de pluralidade, que pode ser revista, aprimorada, modificada e enriquecida.

Este trabalho é uma semente.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. TEDGlobal 2009. [S. l.]: TED, 2009. 1 vídeo (18 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 18 set. 2025.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico do saber escolar**. 1993. 336 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BLACK**, Helena. [Contação de histórias em Biblioteca pública na cidade de São Paulo]. São Paulo, 14 mai. 2025. Instagram: @helenablackoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJpzKmXvatv/>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 5 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia PNLD 2023: objetos de aprendizagem: anos iniciais do ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2023. Disponível em: <https://www.pnld.nees.ufal.br/>. Acesso em: 5 set. 2025.
- BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Histórico do PNLD**. Brasília, DF: FNDE, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. Acesso em: 5 set. 2025.
- BUZUM!**. [Fotografia do espetáculo Curumim]. Galeria de imagens no site Folha Fotografias (UOL). São Paulo, 11 jan. 2023. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1754749956898309-veja-imagens-dos-espetaculos-da-cia-buzum>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- EXEMPLO** de molde para teatro de sombras. [S. l.]: Pinterest, [2024?]. 1 imagem. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/510877151469421213/>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- FERREIRA, Rafael Vicente. **BNCC Arte: entre o sonho neoliberal e o governo da alma**. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021.
- MARTINS FILHO, Plínio. **Editando o editor**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- KUBOTA, Luis Claudio. **Análise dos grupos editoriais no Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Brasília, DF: Ipea, nov. 2018. (Texto para Discussão, n. 2428).
- MUSEU DO MAMULENGO**. [Foto de Chica do Cuscuz]. Olinda, 20 nov. 2023. Instagram: @museudomamulengo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz31CQxOW4I/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

NEES/UFAL. **PNLD 2023 – Anos iniciais**: obras didáticas – guias digitais. Maceió: NEES/UFAL, 2023. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2023_anos_iniciais_ensino_fundamental_obras_didaticas/livros. Acesso em: 25 set. 2025.

NORDSTROM, Ursula. Só os adultos se sentem ameaçados: carta a um bibliotecário sobre a censura ao livro *In the Night Kitchen*, de Maurice Sendak. 5 jan. 1972. In: USHER, Shaun (org.). **Cartas extraordinárias**: a vida, o amor e o dever na correspondência de pessoas notáveis. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 155-156.

PAEPALANTHUS. [Fotografia do espetáculo **Contos da Terra Vermelha**]. [S. l.], 13 set. 2022. Instagram: @paepalanthus. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CicOuOEMAHV/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SALLA, Thiago Mio; ALMEIDA, Ana Cláudia. Jiro Takahashi. In: SALLA, Thiago Mio; ALMEIDA, Ana Cláudia (org.). **Editando o Editor**. São Paulo: Com-Arte; Edusp, 2025.

ANEXO A – SÓ OS ADULTOS SE SENTEM AMEAÇADOS

De Ursula Nordstrom para o bibliotecário de uma escola – 5 de janeiro de 1972

Publicado em 1970, *In the Night Kitchen*, o premiado livro para crianças de Maurice Sendak, que também escreveu e ilustrou o magnífico *Onde vivem os monstros*, causou alvoroço por um motivo específico: o protagonista, um menino chamado Mickey, às vezes aparecia nu.

Em vez de ignorar a ofensa, alguns pais e bibliotecários resolveram censurar o livro, desenhando fraldas em Mickey; outros acharam mais fácil e seguro queimar a obra.

Dois anos após a publicação, como esses atos de censura se tornavam cada vez mais frequentes, a editora de Sendak, a maravilhosa Ursula Nordstrom, escreveu uma carta para um bibliotecário que optara pela segunda alternativa.

Prezado [riscado]:

*Fiquei desolada ao saber que, no ano de 1972, o senhor queimou um livro. Foi muito triste para nós saber que o senhor não o considera adequado para estudantes do ensino fundamental. Imagino que sua indignação se deva à nudez do menino. Mas ela não incomoda as crianças! O sr. Sendak é um artista criativo, um verdadeiro gênio, sabe se comunicar com as crianças. Pois elas — pelo menos até os doze ou treze anos — geralmente também são muito criativas. Não caberia aos adultos que se colocam entre o artista criativo e a criança esforçarem-se para impedir que seus próprios preconceitos e neuroses determinem suas reações a esses livros? Essa é uma de minhas principais obrigações como editora de livros infantis. Acredite: nós levamos a sério nossas responsabilidades! Acho que a reação das crianças a um livro como *In the Night Kitchen* sempre é positiva e saudável, sempre envolve prazer e criatividade. Só os adultos se sentem ameaçados por Sendak.*

Vou lhe enviar nos próximos dias alguns comentários favoráveis a esse livro e =espero que o senhor os leia e que dê às crianças de sua escola uma oportunidade de apreciar o livro do sr. Sendak.

Atenciosamente,
[Assinado]

(Nordstrom, 2010.)

ANEXO B – REVISÃO DE LITERATURA: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

BANDEIRA, Denise. **Material didático: criação, mediação e ação educativa**. Curitiba: Intersaberes, 2023.

Além de discutir o conceito de material didático e apresentar suas classificações, esta obra investiga os impactos das tecnologias de informação e comunicação na criação, produção, distribuição e recepção de recursos educativos. Outros tópicos, como a mediação, a utilização pedagógica de recursos audiovisuais e o histórico das mídias utilizadas em materiais didáticos também são estudados a fundo.

BONFIN, Tania; THOMAS, Mariana Schnorr. **O que ensinam livros didáticos de Artes do Ensino Médio sobre arte dos povos indígenas**. Disponível em: https://unesp.primo.exlibrisgroup.com/discovery/fulldisplay?docid=cdi_dialnet_primary_oai_dialnet_unirioja_es_ART0001322740&context=PC&vid=55UNESP_INST:UNESP. Acesso em: 5 set. 2025.

Este artigo discute formas de representação das práticas artísticas dos povos indígenas em dois livros didáticos de Arte para o ensino médio, selecionados para distribuição em escolas públicas por meio do Programa Nacional do Livro Didático de 2015. Sob a perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, que orienta o presente estudo, livros didáticos são vistos como artefatos que constituem e propagam conhecimentos e também promovem uma regulação na cultura, à medida que incluem ou excluem aspectos e práticas, nesse caso, dos povos indígenas. A análise mostra que arte indígena é um conceito em disputa, sendo flexionada ora por concepções eurocêntricas, ora por discursos multiculturalistas, quando integrada aos livros didáticos.

SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte; ROMANELLI, Guilherme Gabriel Ballande; TEUBER, Mauren. Livros didáticos para o ensino da arte: não peça a eles o que eles não podem te dar. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.83949. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/83949>. Acesso em: 20 set. 2025.

Este texto traz resultados de pesquisa realizada sobre a disciplina Arte e o lugar do livro didático na reorganização dos conteúdos sob a concepção de transdisciplinaridade entre diversos campos do saber, um dos critérios avaliativos propostos no Edital PNLD 2017.

Analisa-se duas coleções de Arte aprovadas no PNLD 2017, partindo das críticas à polivalência e a valorização da transdisciplinaridade. Busca-se pensar a transdisciplinaridade diferentemente da polivalência dos anos de 1970, levando em conta o modelo para o qual o professor é formado. O livro didático joga na manutenção ou na extinção da prática de um único professor trabalhar as quatro linguagens? A formação proposta na licenciatura incorpora a proposição de um ensino da História da Arte em eixos temáticos? Por fim, aborda-se a imprecisão ou desconhecimento do objeto de estudo da Arte e das especificidades das linguagens, chamando os professores à participação nas proposições e decisões sobre os destinos da educação em Arte.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa. **Arte-educação: vivência, experiência ou livro didático.** São Paulo: Loyola, 2003.

É possível a Arte-Educação desempenhar um papel fundamental juntos aos indivíduos, visando a um processo de humanização, mas é necessário, que se desenvolvam princípios fundamentais de uma ação pedagógica mais voltada para a expressão. O Arte-Educador terá de dominar uma linguagem específica, porque a vivência da Arte, tanto para crianças como para adolescentes, ocorre principalmente no fazer artístico, e isto se opõe frontalmente ao livro didático, que é estático, geralmente reducionista e cerceador da liberdade.

FERREIRA, Rafael Vicente. **BNCC Arte: entre o sonho neoliberal e o governo da alma.** 2021. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista Instituto de Artes, São Paulo, 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que redefine os parâmetros da educação em todo território nacional, partindo de uma progressão de aprendizagens essenciais ancoradas em competências e habilidades. Na presente dissertação, a discursividade desse documento é investigada, tendo como enfoque o componente curricular Arte, envolvendo suas Unidades Temáticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Artes Integradas) e a Área de Linguagens. Junto com a investigação da Base, outras discursividades relacionadas são cotejadas, com especial destaque para as transformações no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) a partir da BNCC. A abordagem teórico-metodológica parte de um encontro entre os repertórios foucaultiano e marxista, com destaque para os processos de objetivação e subjetivação, determinados pela ideologia neoliberal hegemônica. Por fim, são indicados possíveis

caminhos para “hackear” a BNCC Arte: construir a partir do próprio documento currículos críticos de arte/educação.

MULLER, Tania Mara Pedroso. Livro didático, educação e relações étnico-raciais: o estado da arte. **Educar em revista**, 2018.

Este artigo analisa as lacunas, permanências e mudanças a partir do estudo realizado sobre o estado da arte da produção acadêmica brasileira sobre o livro didático e relações étnico-raciais, tendo como universo de análise teses, dissertações e artigos publicados na área da educação. A pesquisa ainda aponta os aspectos comuns entre as pesquisas sobre o negro no Livro didático no período de 2003 a 2014 e sua relação com a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica.

POUGY, Mariana. **Contexto de liberdade e o artista professor: criar é resistir**. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2022.

Esta dissertação tem como objetivo tornar visível o modo como os textos de apoio didático, e os materiais didáticos em geral, podem ser disparadores para a criação didática do professor artista pesquisador e, conseqüentemente, para sua ação de resistência em meio aos jogos de poder que cerceiam sua prática. A partir de minha experiência como professora de Arte e como elaboradora e autora de livros didáticos, e também a partir de minha vivência como aluna do mestrado em Artes, relato um percurso criativo e apresento obras de arte e proposições didáticas que surgiram do contato com leituras, encontros e debates realizados junto ao grupo de pesquisa N’Me (Núcleo de Estudos sobre Metodologias de Pesquisa em Arte), que integrei durante todo o período de realização desta pesquisa e onde pude experimentar diversos modos de me relacionar com os estudos, tendo como cerne a prática artística. Apesar do discurso corrente nos meios acadêmicos, mostro que muito mais do que retirar ou tolher uma idealizada autonomia do professor, o diálogo com os materiais de apoio didático carrega uma potência de criação e pode promover encontros alegres, uma vez que a prática docente está inserida em um contexto de liberdade. A partir de Foucault, compreendo contexto de liberdade como o modo como nos governamos desde a Modernidade, inclusive na instituição escolar. Esse contexto permite que os professores artistas pesquisadores possam criar e, assim, resistir. Em diálogo com Deleuze e Rancière, compreendo que as práticas de resistência permeiam

a ação criativa e que, a partir de uma motivação criadora, o professor artista pesquisador pode expressar aquilo que chega até ele sem desperdiçar as oportunidades que os livros didáticos podem trazer. Assim, o encontro com os livros didáticos pode ser permeado por uma ética da alegria, que permite que o professor se sinta livre para escolher o quê desses materiais aproveitar e perceba onde neles encontra eco.

SILVA, Dilma de Melo. Identidade afro-brasileira: abordagem do ensino da arte. **Comunicação & educação**, [S.l.], n. 10, p. 44-49, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i10p44-49>. Acesso em: 5 set. 2025.

A omissão nos livros didáticos de Educação Artística de representações da produção artístico-cultural do segmento negro e de sua tradição cultural tem contribuído para a permanência do preconceito e da marginalização do negro no Brasil. Resgatar a arte, a estética e a cultura negro-africana em seus diferentes aspectos e sua presença na cultura ocidental, principalmente brasileira, implica a valorização da identidade cultural do segmento negro.

TEUBER, Mauren e ROMANELLI, Guilherme Gabriel Ballande. O processo de escolha dos livros didáticos por professores de Arte: mediações (in)imagináveis. **Revista Digital do LAV**, 2020.

Esta pesquisa, em andamento, tem como objetivo compreender as dinâmicas relativas ao processo de escolha e uso dos livros didáticos de Arte na escola pública. A primeira etapa do estudo, caracterizado como uma pesquisa qualitativa, é um trabalho coletivo e colaborativo na elaboração de um questionário para obter informações relativas ao processo de escolha dos livros de Arte do Programa Nacional de Livro Didático – PNLD 2020 e uso dos livros didáticos de Arte na escola. Realizada junto a um grupo 32 professores de Arte que atuam na Educação Básica no Estado do Paraná, o resultado aponta para a presença do livro didático em quase todas as escolas dos professores participantes. Em contrapartida, reconhece-se a urgência de se tratar deste tema na formação inicial e continuada, em função da pouca tradição que o livro tem na disciplina, e a pequena valorização desta temática no âmbito da pesquisa acadêmica.

ANEXO C – HABILIDADES DE ARTES DA BNCC PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ARTES VISUAIS

EF15AR01 – Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

EF15AR02 – Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

EF15AR03 – Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

EF15AR04 – Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

EF15AR05 – Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

EF15AR06 – Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

EF15AR07 – Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

DANÇA

EF15AR08 – Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

EF15AR09 – Estabelecer relações entre as partes do corpo e estas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

EF15AR10 – Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.

EF15AR11 – Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

EF15AR12 – Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

MÚSICA

EF15AR13 – Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

EF15AR14 – Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

EF15AR15 – Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

EF15AR16 – Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

EF15AR17 – Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

TEATRO

EF15AR18 – Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

EF15AR19 – Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).

EF15AR20 – Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

EF15AR21 – Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

EF15AR22 – Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

ARTES INTEGRADAS

EF15AR23 – Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

EF15AR24 – Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

EF15AR25 – Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

EF15AR26 – Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

(BNCC, 2018.)